

Organização
Fernanda Sousa-Duarte & Flávio Marinho

DESISTIR, INSISTIR, PERSISTIR:
A escuta como ação do Sindsprev-PE durante o
isolamento social

Ana Magnólia Mendes



DESISTIR, INSISTIR, PERSISTIR:

A escuta como ação do
Sindsprev-PE durante o
isolamento social

Organizadores

Fernanda Sousa-Duarte

Flávio Marinho

Autora

Ana Magnólia Mendes

Edição Geral: Emílio Peres Facas

Imagem da Capa: *Cícero Dias, pintor pernambucano, Sem título (1953)*

Revisão: Ana Paula Moraes e Fernanda Sousa-Duarte

Mendes, Ana Magnólia. *Desistir, Insistir, Persistir: A escuta como ação do Sindsprev-PE durante o isolamento social*. Relatório Técnico. Organizado por Fernanda Sousa-Duarte e Flávio Marinho. Recife: SINDSPREV-PE; Brasília: Instituto Brasileiro de Clínica do Trabalho, 2023.



Este relatório técnico está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

SUMÁRIO

Apresentação _____	05
I. Desmesuras do capitalismo colonial-digital _____	09
1. Notas sobre o medo _____	11
2. Colonização e servidão voluntária _____	27
3. Vozes tirânicas _____	35
II. As patologias do trabalho _____	43
4. Gestão produtivista produzindo patologias _____	45
5. Normopatia e sociopatia _____	55
6. Melancolia e Depressão _____	67
III. Ensurdimento do canto da sereia _____	77
7. Coragem de ser e de viver _____	79
8. Ética e convivência humana _____	91
9. Potência da escuta clínica do trabalho _____	101

APRESENTAÇÃO

“Estamos com o coração na mão”, “um aperto no peito”: assim que se sentiam os trabalhadores que escutei no projeto de espaço de discussão do Sindprev-PE em 2020, durante o isolamento social por causa do COVID-19.

Espaço de discussão inaugurando na era dos algoritmos e do trabalho em plataforma, com paradoxos envolvidos: de um lado, a plataforma permitiu que eu, em Brasília, fizesse a escuta destes trabalhadores que estavam em Recife; de outro, os limites para possibilidades de construção de laços sociais. Nesse livro apresentamos as *lives* realizadas, inspiradas na teoria, na experiência e nas falas dos trabalhadores que participaram. A discussão dos temas foi um mobilizador para abrir espaços de escuta e fala e, assim, encontrar saídas, ainda que individuais, para o sofrimento.

Os temas tratados foram articulados com as questões do trabalho, considerando as perdas e lutos antes da crise econômica provocada pela pandemia e como este contexto tem intensificado as desmesuras e brutalidades do capitalismo. O distanciamento social e o trabalho mediado pelos aplicativos nos fazem pensar quais dimensões das relações do trabalho foram perdidas. Antes desta condição, as relações de trabalho e a vida social já vinham sendo marcadas pela aceleração do tempo e do fazer, pela servidão voluntária e pela virilidade – além das problemáticas da violência, do assédio moral, e a patologia da indiferença. Que patologias ainda podem surgir nessa nova era de reprodução do capitalismo, o capitalismo digital?

Uma questão importante atravessou as apresentações: qual a repercussão de tudo isso no Brasil e para os trabalhadores? O Brasil tem enormes paradoxos em relação aos modelos econômico, social e político adotados historicamente, embora, ao meu ver, vivemos mais uma forma de reprodução da escravidão e colonização do que

realmente paradoxos. E essa reprodução, aliada à reprodução mundializada do capital, produz efeitos brutais nas diferenças de classe social, distribuição de renda, de terras e nas relações de trabalho. É um brutalismo, uma selvageria, uma catástrofe o que se passa no território brasileiro e com seus habitantes desde sempre! Nesse sentido, a escassez econômica vivida no ano 2021, os desmandos políticos e a miséria social é fruto de uma história que se reproduz e se perpetua nos discursos e práticas colonizadoras.

Nesse sentido, as perdas pelo distanciamento social podem terem sido, para alguns, caminho de reflexão, uma saída ainda que provisória da aceleração e da indiferença, por exemplo. Provisória porque pode ser uma nova armadilha, visto os imperativos dos algoritmos na era do capitalismo digital, que chegou para ficar e se reproduzir numa velocidade que penso não temos dimensão.

Foi também destacada a aceleração com novas roupagens, escondida sob a cortina do “agora está em casa e terá tempo”. A vida intensiva e não contemplativa já vem sendo a marca desde a modernidade. O que ocorre nesse contexto de distanciamento é um agravamento e um deslocamento do discurso dominante para o que é de interesse do capital. Uma vida onde a gente pode parar para pensar, refletir, discutir, identificar o que nós desejamos, o que o outro deseja, viver o espaço democrático do laço social, da convivência humana, da ética e o que a aceleração impede. Viver ligado no automático nos rouba a nossa capacidade de pensar, refletir, sentir, agir, fazer escolhas. E agora, nesse contexto, a aceleração do tempo a partir da lógica das máquinas é destruidora da nossa ação política, nos rouba a possibilidade de atuar naquelas situações que são motivo de mal-estar e sofrimento para nós, para os outros e para sociedade de como um todo.

Um dos danos, nossa maior perda, é a perda de nós mesmos, de quem somos nós. Quem sou eu? Mais um, mais um número porque para todos os processos de trabalho, como, por exemplo, para as

avaliações de desempenho, viramos um número. É perder o seu estilo, perder sua singularidade, perder a sua especificidade, seu jeito de ser, porque passa a ser padronizado. Acumular e consumir, ser consumido por essas regras ditadas pelo capital, pela sociedade que são globalizadas, que são padronizadas, uma pasteurização. Viramos caixinha de leite? Viramos bolinho de carne, todo mundo igual, todos uniformizados, com as mesmas roupas, com os mesmos costumes, os mesmos hábitos, mesmo em culturas diferentes, o que demonstra essa lógica colonizadora. Não existe espaço para diferença! Uma sociedade sustentada na perversão, sem castração, sem lei, sem mando, apenas com comandos e desmandos.

Pensar nas singularidades, ser diferente, fazer a diferença, não ser “normal”, é um ganho ou uma perda para o ser humano? A escravidão, o nazismo e outros sistemas são as maiores vergonhas da humanidade ou não? Porque falar de ética humana? A quem interessa? Perdemos ou ganhamos? A barbárie é o rumo da civilização? o que vai acontecer com os laços sociais entre sujeitos liberais, sujeito zumbi, sujeito máquina, sujeito fábrica, sujeito gestor, sujeito performance, sujeito que faz, sujeito que sabe, sujeito que pode? o modelo de gestão do trabalho extrapola os muros das empresas, e nos exige sermos o gestor, gestor do tempo, o gestor de si mesmo, o gestor do controle, o sujeito da onipotente, onisciente, onipresente.

Estas fábricas de sujeitos estão sendo montadas nas escolas, nas instituições, na religião, nas organizações. Uma fabrica que produz e a colonização da subjetividade. Algo da ordem do inumano que se opõe a ética da convivência humana. Assim, é um paradoxo, ao mesmo tempo, que nós estamos podendo parar para pensar e refletir sobre como estávamos nos comportando ou como caminhava a humanidade. O vírus da COVID é uma denuncia do modo precário de vida do mundo, do planeta Terra. O planeta está se destruindo. Então esse vírus dá uma visibilidade a tudo que nós estamos fazendo, é consequência de tudo o

que os seres humano tem feito no planeta como um todo, em todos os níveis políticos, econômicos, social, ambiental, e, sobretudo, ético.

Nessa pandemia, estamos impedidos e perdendo nossos vínculos sociais humanos – mas esses laços já estavam perdidos. Ele já estava perdido pela indiferença, que se agravou com o isolamento. O discurso liberal fez o sujeito liberal mais forte ao criar estratégias de segregação social, amplificando as diferenças de classe e distribuição de renda. Isso se revela no fato que apenas 10% dos trabalhadores brasileiros tem acesso a internet! Como ficam os 90%?

Assim, sem muita pretensão de construir teorias ou apresentar um livro “acadêmico”, chamamos o conjunto destas falas transcritas e editadas como um movimento do pensar, de transmissão de idéias, na maioria das vezes, ditas de modo impulsivo, afetado pela indignidade diante do momento vivido, mas recheadas pelo forte desejo de causar uma inquietação que nos levasse a trilhar caminhos diferentes daqueles que as tiranias psíquicas, sociais e políticas nos faz crer que são os únicos a seguir.

Ana Magnólia Mendes

Desmesuras do capitalismo
colonial-digital

NOTA SOBRE O MEDO

O que é o medo? O isolamento social como causa da pandemia articula-se com este medo? Porque vivenciamos insegurança quando nos sentirmos isolados, especial quando não é um isolamento voluntário? Para tentar responder estas questões, inicialmente, vou descrever brevemente o isolamento em si e depois de modo mais detalhado o medo. Estas idéias estão fundamentadas nos estudos da Psicanálise, especial na obra *O mal estar na civilização* de 1926 de Freud.

Freud, ao escrever sobre o isolamento, refere-se ao isolamento voluntário articulado a felicidade da quietude. Quando nos isolamos dos outros e buscamos um distanciamento social, entramos no que ele chama da felicidade da quietude, que nos protege do desespero humano, ou seja, o isolamento voluntário pode ser um modo de não se arriscar nas relações com o outro que são marcadas pelas diferenças. O desconhecido, aquilo que não sabemos, o que nos coloca em cheque com o que imaginamos ser.

O medo para Freud tem uma relação com o isolamento voluntário, vez que é uma reação contra o que vem do mundo externo diz ele: “ temível mundo externo”, que pode em suas características nos trazer algo de muito ameaçador, de muito destruidor, de muito devastador. O que esse mundo dos vírus pode nos afetar? Um mundo ameaçador que nos faz afastar dos outros e entrar na felicidade da quietude, no isolamento voluntário, confundindo distanciamento social por uma ameaça biológica, com distanciamento das ameaças sociais, ameaças políticas, ameaças econômicas que podem ser devastadoras para os laços sociais e colocar em risco nossa existência humana. Um dilema, isolamento ou distanciamento? O distanciamento é algo temporário e tem uma razão externa, o isolamento voluntário não. Este

dilema pode um dia encontrar-se na justificação para uma vida guiada pela lógica do “metaverso”.

O distanciamento pode ser justificativa para o isolamento voluntário que acontece em função do medo de sofrer, que todos nós carregamos na nossa constituição humana. Freud diz que todos nós sofremos. Para ele, esse sofrimento tem relação com pelo menos três condições da vida humana: A primeira, é o nosso corpo mortal. Nosso corpo é frágil. Essa fragilidade assusta e dar medo. A segunda razão pela qual nós sofremos e que produz medo é exatamente o temível mundo externo. Esse mundo que pode ser terrível conosco, nos trazendo tragédias da natureza, como as tempestades, os terremotos, as pestes, as bactérias e vírus, e os efeitos do brutalismo e desmesuras do sistema de produção capitalista, como as guerras, as tiranias políticas, a desigualdade social, a distribuição injusta de renda, a escassez econômica, a fome, entre outras tantas. E a terceira, que é a relação com os outros. Freud diz que se relacionar com as pessoas é o mais penoso pra nós, é o mais difícil. Por isso, o risco do distanciamento social se transformar em isolamento da felicidade da quietude. Com este tipo de isolamento não vamos ter que confrontar as diferenças originadas na relação com o outro. Assim, o isolamento obrigatório, produz um paradoxo para alguns e uma saída para a angustia de outros.

Mas quem são estes “outros” que nos dar medo e nos faz entrar na felicidade da quietude? Freud diz que desde que nascemos buscamos maneiras de nos defender dessa relação com esse Outro para não nos frustrar, nos decepcionar, nos sentir ameaçados pelo desamparo. Para ele, sentimos o “medo da perda do amor de quem nós dependemos porque podemos perder a proteção desse que nos ama e ser por ele punido”. Traduzindo esta ideia, todos os seres humanos passam pela experiência do nascimento para estarmos aqui. Nós somos os únicos seres que quando nascemos dependemos do Outro para sobreviver. Se

deixarmos um bebê sozinho ela não sobrevive, ele precisa de alguém para dar comida, para cuidar do frio, do calor etc. Por isso, somos seres sociais. Assim, o isolamento obrigatório pode nos remeter a um momento no qual sentimos angústia do desamparo, uma memória infantil que podemos estar desprotegidos contra os perigos. Quando a gente é criança não temos ainda o nosso sistema cognitivo totalmente desenvolvido. Nós enxergamos tudo pequeno, o outro é enorme, é um grande Outro. Frente ao bebê, depois a criança, um grandão aparece, ele nem sabe quem é esse grandão, a gente não sabe quem é, pode ser a mãe, o pai, a avó ou qualquer outra figura, que chega para cuidar. Na imaginação da criança essa pessoa vai, além de cuidar, protegê-la dos perigos que ela sozinha não tem como se defender. Enquanto não anda, não fala, não tem como se defender, ela precisa de alguém, para cuidar e proteger, o que a psicanálise nomina como função materna e paterna, não necessariamente do pai e da mãe, mas uma função que todos nós precisamos experimentar na infância. As vezes experimentamos outras não, fazendo com que quando adultos busquemos repetir a experiência na relação com os outros ou encontrar nos outros a experiência não vivida do cuidado e da proteção.

Essas experiências vão se construindo ao longo dos chamamentos que esse outro faz para a criança e as respostas que dar aos seus chamados. Exemplo, a criança chora com fome, o Outro lhe traz mamadeira, fazendo que ele imagine que junto ao atendimento dessa necessidade virá a proteção. Mas muitas vezes, o choro não tem resposta do Outro. A criança então imagina: desapareceu? E se eu chamar e ele desaparecer? Quem vai me cuidar e proteger? O que será de mim?

Aí começa o medo. O medo original de todos nós seres humanos. E a partir desse medo, aparece o medo da punição. Seria como ao imaginar que o outro desapareceu, algum motivo tem e uma questão se coloca: o que eu fiz para ele desaparecer? Ele pode me punir por

isso...são ao infinito as fantasias que o bebê e as crianças constróem, as quais são recalçadas no inconsciente, e não temos acesso quando adultos, a exceção por meio da análise, como diz o Freud.

São medos que fazem parte da nossa constituição como sujeitos, ou seja, tido ser humano tem medo, e de fato existem ameaça externas que nos colocam em riscos e sentimos medo. O medo pode ser inclusive um fator de proteção de alto riscos que podemos ser submetidos. Além disso, o medo do desconhecido, medo do imprevisível, o medo da perda do controle, das maldades do mundo externo, das adversidades, medo da relação com o outro, para não se decepcionar, para não se frustrar, é natural da nossa condição humana. Nesse sentido, que bom que todo ser humano sente medo, como no caso da criança, que precisa sentir medo de colocar a mão na tomada para não levar choque, ela precisa ter medo para não mais se arriscar diante do perigo, e nesse sentido, aprendendo a não se arriscar em situações que vão fazer mal pra ela ou para os outros.

Assim, o medo é um instinto que os animais tem, não só os humanos, de autoproteção para não entrar em situação de risco e de perigo. Mas para os humanos é mais que isso, é um afeto vivido frente as mais variadas experiências traumáticas e produz muitos efeitos nefastos para vida psíquica e social. Esse é o medo que pode nos tomar, dominar e paralisar. Quando nos impede de falar, de agir, de existir, se transformando, na patologia do medo, na síndrome do pânico ou na fobia.

O desafio é entender como o medo infantil do grande Outro é revivido no adulto diante de ameaças vivemos hoje por causa do vírus. Como é que cada um de nós está vivendo esse medo? Estamos vivendo esse medo de uma forma natural como parte da condição humana ou estamos vivendo esse medo como sentimento enorme de desamparo, de abandono, com um sentimento enorme de que algo de terrível vai nos destruir, vai nos dissolver, vai nos engolir? Talvez alguns estão

vivendo o medo do coronavírus e o distanciamento social de uma forma humana, natural, que nos angustia, que nos traz aflição, que nos deixa chateada, que nos deixa triste, que nos deixa em sofrimento, mas que não nos paralisa. Outros podem está vivendo como um medo insuportável e intolerável, uma angustia, fazendo uso de medicamentos e outros mecanismo de defesa, que levam a negação e a projeção. E uma parte, talvez a mais preocupante, vivendo o medo patológico.

Falar do medo ainda é um caminho para evitar as patologias. A potência política do falar, que nos ajuda a elaborar as fantasias sobre o medo e transformar o medo, no que de fato ele é, porque é como o medo da barata. A barata em si, é um inseto que nós podemos pisar, esmaga e matar. O medo do coronavírus é uma nova ameaça que estamos vivendo, mas do ponto de vista da nossa psiquê e das construções sociais sobre que medo falamos e para onde ele nos leva? Como aproximar o medo que é algo humano do que de fato nos ameaça e como nos livrar de um medo que é patológico que nos congela, que nos imobiliza, que nos faz sofrer tanto, que nos tira o sono, que nos faz ficar completamente apavorados, desesperados e se sentindo muito ameaçado diante do mundo externo e dos Outros?

Quando que o medo precisa ser tratado?

Quando o medo torna-se uma patologia do trabalho, é possível que aquele ambiente seja desencadeador de adoecimento como a fobia e a síndrome do pânico. Para a psiquiatria, de modo geral, este adoecimento é diagnosticado como uma doença relacionada aos transtornos de ansiedade, e como tal, um tipo de desordem psíquica. Não será este o caminho que vou trilhar para falar deles. A ideia que gostaria de defender é que a fobia e a síndrome do pânico restão relacionadas com questões sociais, e especificamente, com o trabalho, estando nas suas bases o medo como uma construção social que se articula ao medo originário do desamparo.

Todos nós vivemos a angústia do desamparo, a angústia do nascimento, a angústia das primeiras separações e outras perdas e separações que nós vamos tendo. Todos nós temos a vivência do desamparo. O que sai pela porta da frente volta pela porta de trás, ou seja, temos uma angústia que é originária, fundante, que é vivida quando nascemos e volta diante de uma situação que nos mobiliza o desamparo, isso que quer dizer que ela volta pela porta de trás. Assim, a fobia e a síndrome do pânico é uma modo de se defender e de reagir ao retorno dessa angústia originária que nos remete a separação, as perdas, os rompimentos que acontecem desde o nascimento. Nesse sentido, tanto a fobia como a síndrome do pânico estão articuladas ao medo e a um medo muito particular, o medo da morte, do aniquilamento, da destruição do próprio sujeito.

Vale destacar, as diferenças entre fobia e pânico (não a síndrome do pânico como diagnosticada pela psiquiatria, que não é foco da nossa abordagem, muito pelo contrário, desejamos fazer uma crítica á ela), entre medo social e medo psíquico. Na maioria das vezes, nossos medos são introjeções de medos construídos socialmente. O pânico e a fobia são formas de medo que assumem feições e características a partir do contexto no qual vão acontecer.

O pânico é o medo que vai se dilatar no tempo, ou seja, o sujeito vai ficar muito tempo com uma frequência muito intensa vivenciando esse medo. Outra característica do pânico é a localização desse medo no corpo. A fobia se caracteriza por uma fuga, a fuga do objeto ou da situação, muitas vezes originária, que produziu o medo. O pânico se traduz no “medo de um monstro”, no pavor, no terror. O sujeito fica aterrorizado, como se tivesse diante de um monstro, enquanto, a fobia é uma fuga decorrente deste pânico. O medo e a angústia está na origem dos dois, da fobia e do pânico, o pânico é esse medo extremo que se caracteriza como uma vivência de pavor e a fobia é uma fuga deste pavor, sendo um susto intenso e fora da razão.

A psiquiatrização desses fenômenos, criticado pela psicanálise, trata com medicação estes chamados por eles transtornos. São mesmos transtornos social que faz o sujeito deslizar para angustia do desamparo. Por exemplo, a ideologia da excelência, a cultura da performance, as injunção sobre o sabe-tudo e tudo-pode do discurso capitalista (mais para frente trataremos deste conceito). Essa ideia que eu estou querendo defender implica que qualquer um de nós pode desenvolver episódios mais ou menos frequentes de pânico ou de fobia, e não somos “doentes” por isso.

Além do medo originário, do desamparo, da morte, o medo que não temos acesso, porque é recalcado no inconsciente, que retorna na crise de pânico e na fobia, existem elementos, dimensões ou características sociais que produzem o pânico e a fobia, especial no mundo do trabalho. São crises e desestabilização produzidas socialmente.

A crise de pânico provoca principalmente sensação de falta de ar, explicada por um tipo de espasmo no pulmão, que é como o medo biologicamente exagerado, intenso, provoca e mobiliza nosso corpo, mas também o suor e a vertigem. A gravidade do pânico é quando a crise fica freqüente, mantendo o sujeito em estado de vigilância permanente. Sujeito vai ficar vigilante. Nesse momento, pode começar a desenvolver os sintomas fóbicos. Assim, está na base o medo originário, do desamparo, da morte, a crise de pânico que se manifesta no corpo. O corpo reage, indicando, a certeza que se vai morrer, e com uma mediação calmante, a crise passa. Se volta com freqüência começa as fobias, que paralisa o sujeito, impede ele a uma ação, como o medo de altura, medo de lugar fechado, medo de multidão e outros.

No trabalho, esta dinâmica do medo que produz crise de pânico e fobias, acontece com certa freqüência com os trabalhadores vítimas de violência e assédio moral no trabalho. O assédio moral no trabalho ou qualquer situação de violência que o sujeito passa, violência urbana,

violência doméstica, violência no trabalho de alguma maneira provocam esse medo e fazem essa conexão com essa angústia originária, com essa angústia originária do medo de ser punido, do desamparo que eu já tratei aqui.

É comum as pessoas que já viveram situação de assédio moral, passar perto do local ou do agressor suar frio, ter taquicardia, falta de ar. A crise de pânico acontece ao reviver a situação traumática, sente no corpo as reações frente ao medo de viver de novo a humilhação, o constrangimento, ou seja, o medo da morte, do aniquilamento, destruição. Esta situação torna-se complicada quando a crise se torna uma fobia e o sujeito, por exemplo, não sai mais de casa, desenvolvendo até sintomas de perseguição. A vida psíquica e social na fobia é interrompida pelo medo patológico.

Assim, a fobia é algo bem grave no sentido psicológico, é uma manifestação neurótica e às vezes é preciso a medicação. O estresse pós-traumático originado da situação de assédio deve ser tratado imediato para não produzir crises de pânico que se cristalizem na fobia.

Os traumas do nascimento e outros que implicam situações de medo diante da separação, desamparo, morte podem ser revividos nas situações de violência no trabalho. A angústia do nascimento provoca uma falta de ar que pode ser semelhante a sentida na crise de pânico, vez que se nasce para não morrer. A falta de ar significa a morte. Assim, diante de uma situação ameaçadora como é a situação de um assalto, da violência urbana, do assédio moral, o medovolta pela porta de trás e pode provocar uma crise de pânico e a fobia, que seria um estado patológico do medo.

A fobia pode ser algo muito danoso para nossa vida, para nossa experiência porque vai nos aprisionar. No lugar do medo exagerado, exacerbado de ficar totalmente desprotegidos se coloca os sintomas fóbicos como uma forma de proteger de um abismo. Ter uma fobia é uma forma de se proteger do medo de cair nesse abismo, da morte. O

pavor faz o sujeito se isolar, fica apavorado por monstros enormes, invencíveis, que podem engolir, que pode aniquilar, que pode matar. Então ele começa a transformar os objetos, a realidade, as situações nesses monstros.

Por fim, vale lembrar da internalização dos medos sociais, os medos históricos, os medos culturais e os medos organizacionais. Quando a gente chega às vezes num trabalho podemos escutar: “olha, aqui é assim, vou logo avisando, aqui o negócio é assim, se você não fizer desse você não vai se dar mal”. O medo social, vai passando de cultura em cultura, vai passando socialmente com valores. Ele pode se tornar patológico. Há uma exacerbação dos riscos e das ameaças, usando o medo como instrumento de controle, muitas vezes, eficaz pela ressonância com o medo psíquico. Assim temos o medo humano, o medo patológico e o medo social. Eles se articulam no discurso que pode nos fazer reagir, agir ou paralisar. Nesse sentido, o medo é um instrumento de controle político do estado, dos governos e das instituições sociais.

Nós podemos ficar fóbicos quando existe o casamento perfeito entre o medo, angústia originária ou a angústia de morte e os medos socialmente introjetados. Um dia na história, o medo era das bruxas, que foram queimadas na fogueira, depois o medo das pestes, das pragas. E quais os medos que o capitalismo neoliberal, agora numérico tem produzido?

Medo de perder o emprego, medo de ser excluído por não funcionar como máquina, medo de não ser consumidor, e muitos outros. É a angustia que é causa do medo, a angustia de morte. E para aplacar esta angustia, muitos medos são construídos, sustentados no discurso e nas práticas sociais, sendo um dos mais fortes instrumentos de controle da classe que vive do trabalho pelos governos.

Esse medo social pode produzir o pânico social, que se relaciona a um esvaziamento da subjetividade. Há um vazio da identidade, falta

de referência, que o capitalismo neoliberal-digital tem tentado, transformar todos em “caixinhas de leites pasteurizados”. Temos perdido, as identidades culturais, porque agora tudo é igual em todo lugar, porque a globalização está muitas coisas. A crise de pânico social tem relação com as incertezas, fragilidade, insegurança, banalização, fragmentação.

Assim, o medo patológico não é o medo do trágico, ele é comum. O medo aparece o tempo todo e tem remédio pra cuidar dele. A indústria da farmacêuticalização é de certa forma sustenta no medo social. Em síntese, o medo é uma forma de controle usado pelas instituições, pela sociedade e pela mídia, que o transforma em uma vivência comum para todos, sendo a base do pânico social, que alimenta os controles políticos, das plataformas, do capital.

Quais os efeitos da patologia do medo?

Um deles é a medicalização. O que o remédio pode fazer? produzir o falso alívio, melhora aquele seu estado emocional, mas depois volta. E, às vezes, volta pior, volta como uma “ressaca”, um efeito colateral, sendo assim, um engodo da vida alegria. Uma saída menos iludida com muitos efeitos nefastos, seria buscar tratar as causas da sua ansiedade, do seu medo, do seu apavoramento. Por que, além das causas externas que nós temos hoje, tem as causas na nossa história de vida, por exemplo, o discurso proferido sobre você pelo Outro que lhe deixa muito mais apavorado diante de uma situação do desconhecido do que a seria a exigência de reagir frente a qualquer ameaça. Um outro efeito é o estresse. Submeter-se a este discurso amplia o estresse como um fenômeno do capitalismo que impõe o produtivismo como parâmetro de identificação e reconhecimento.

O estresse tem aparecido no contexto da pandemia no lugar da questão: E o futuro? Como será a vida e o trabalho após a pandemia, se é que teria fim? Essa questão vai nos colocando frente as projeções do desconhecido, produzindo um estado de alerta permanente ou de

resistência ou de exaustão (fases do estresse, que se perpetuam no destresse) que nos faz continuar sentindo a mesma coisa, sendo que o perigo não mais existe. Nesse sentido, colocar o futuro no lugar do presente é uma forma de sustentar a patologia do medo.

Imaginar, fantasiar e ter a ilusão que teremos o controle das situações externas, como o próprio Freud comenta, é razão de sofrimento. Seria uma saída para este aprisionamento da “espera” entrar em contato com os limites da condição humana em relação aos controles e fazer apostas no desejo de fazer a diferença, de encontrar novas saídas.

O estado de alerta que a patologia do medo pode infringir pode nos levar a exaustão, porque mesmo que a ameaça não mais exista, o sujeito continua investindo na luta de eliminar os riscos. É um estado que produz fortes doses de adrenalina. Essa adrenalina tem efeitos terríveis para nosso corpo, para nossa psique, porque a adrenalina vai mexer com os hormônios, a tireoide, e outros efeitos (não é intenção trazer elementos médicos) como alguns estudos mostram, o câncer. Se manter nesse estado, por exemplo, de alerta ou de exaustão ou de resistência, ou seja, o estresse se tornar estresse, tem se intensificado com a pandemia.

Um outro elemento que vale destacar para entender como a adrenalina é modo sustentar a patologia do medo, que a questão do luto, das perdas diante da situação da ameaça, que de uma forma implica uma situação de perda, perder qualquer coisa, perder a identidade, perder a vida, perder a proteção, perder a segurança. A patologia do medo produz laços sociais pautados na adrenalina, ou seja, no estresse com a “meta” de torna-se distresse pela constância do estado de alerta. Existe aí um paradoxo entre a euforia artificial da adrenalina produzida pelo medo e a depressão por não ser capa de se manter nesse estado. Assim, parece paradoxal, que o estresse faz o

sujeito fazer entrar num processo de ser ativo, agir, fazer coisas, para de alguma maneira, evitar a depressão.

Desse modo, o estresse como a formula da adrenalina, da aceleração, funciona como uma defesa, podendo ser importante em determinado momento da vida das pessoas, mas sendo problemático, quando se torna constante, que é o de destresse, ou seja, o sujeito viver sua vida no estado de alerta, de resistência e de exaustão. O tempo todo para todas as situações aí começam a aparecer os problemas psicossomáticos, ou seja, o estresse ele é uma forma de defesa porque é uma adrenalina que o nosso cérebro produz pra nos proteger de um perigo, que pode ser um perigo real, externo ou um perigo da nossa imaginação, diante desse ele é essa defesa, ele pode ser útil diante de um leão, ele não é útil diante de uma barata, seria inútil e ainda muito prejudicial a nossa saúde, se ele é permanente, se ele é continuado, se esse estado de alerta, por exemplo, a insônia, é um sintoma de estresse, a falta de apetite ou às vezes comer demais ansiedade, enfim, dor de cabeça.

Assim, é importante entender este artifício que a patologia do medo produz de tornar o estresse o distresse. é um artifício de muita utilidade para o modo produtivista capitalista do trabalho. Aceitar o estresse como algo humano como o medo, acompanhado da descarga de adrenalina diante de um leão, não ter medo do leão não é humano, essa recusa nos torna máquinas, super-heróis. Mas pensar que o leão existe onde ele não está e continuar agindo da mesma forma para enfrentar a ameaça, é o vai provocar diversos problemas de saúde, psíquicos e psicossomáticos. Como exemplo, hipertensão, diabetes, gastrite que são apontadas por vários estudos como relacionadas a essa descarga que o corpo faz de adrenalina pra se defender de algo que é muito ameaçador que caracteriza uma grande perda pra nós e aí diante dessa perda, dessa ameaça, o corpo produz essa adrenalina. Assim, os modelos de gestão vão se apropriando do medo para aumentar a

produção, e mais ainda, aumentar o “comprometimento” com as ideologias da excelência e da performance.

Esses dois efeitos do medo: a medicalização e o distresse, não estão dissociados. Nas situações de trabalho funcionam como pilares do controle psíquico, e especial, político dos que trabalham. A expressão desses efeitos que tem o medo como causa são os adoecimento pelo burnout. Vale um parênteses para falar desta doença que é reconhecida como uma doença do trabalho (cid Z). Burnout que significa esgotamento mental, muito estudado nos profissionais de saúde, profissionais de educação, profissionais de segurança pública, hoje estudado como uma doença do trabalho ligada a muitas outras profissões inclusive o serviço público. O esgotamento mental é consequência do destresse e tem várias outras consequências, por exemplo, a própria depressão que nós vamos falar em outros capítulos.

Além do burnout, dois outros fenômenos tem sido estudado que é boreout e o brownout. Bore é uma palavra em inglês que significa uma coisa chata, entediante, o vai provocar como consequência, como transtorno, o tédio. Outra seja o destresse, não é só ligado a dimensões da aceleração, mas pode ser ao contrário relacionado a inércia. Pode acontecer em contexto de sentir-se subutilizado no trabalho ou fazer trabalho sem sentido, como ocorre muitas vezes, no serviço público. Assim, o boreout provoca uma sobrecarga mental pela falta de carga de trabalho, é aquele trabalhador que tem uma função muito qualificada por exemplo, que tem uma qualificação e exercer uma função que não é muito qualificada e aí é uma defasagem muito grande entre o que você aprendeu, o que você sabe fazer, as suas competências e o que você está fazendo. Então isso é uma falta de carga, é uma falta de atividade de trabalho, é uma falta de carga de trabalho que vai gerar uma sobrecarga mental, ou seja, não fazer nada não é bom. O brownout é uma doença da aceleração, assim, o esgotamento mental,

pode ser produzido por pelo tédio ou pelo presenteísmo, e aí tanto o tédio quanto a aceleração pode ser consequência do desestresse.

Seja como for, a descarga de adrenalina provocada por estas situações, está na base da patologia do medo. O discurso neoliberal profere a ideologia do “super”, isso tem uma implicação sobre o medo. O medo humano é banido e assume o lugar o medo produzido nos discursos e nas práticas de gestão, exigindo que “supere”, sem o luto, de modo rápido, ágil, acelerado, que se responda tudo.

Surge então, os vínculos sociais e sujeitos neoliberais, aquele sujeito que é “eu faço, eu posso, eu tenho, eu quero”, o sujeito do eu, e não o sujeito dono do si mesmo.

Retomando a medicalização como efeito do medo. Aplacar a ameaça, que faz reviver o medo do desamparo. Ou seja, o medo do desamparo, do abandono do vazio frente a qualquer uma dessas ameaças é que vai nos causar o desestresse e a medicalização para fazer essa regulação dos níveis de adrenalina, de modo que nem a depressão e nem a euforia predomine, pois ambas por mais terríveis que sejam para o sujeito, ainda são modos humanos de reagir, ou seja, o sem controle não é o descontrole. O remédio tem paradoxos pois pode curar, pode? mas o preço dos efeitos colaterais articulados a indústria da farmacêuticalização, nos faz questionar qual a dor que será curada e em que corpo será transformado o corpo doente, em função das anestésias social e política que a regulação do “ser” por artifícios pode imprimir.

O desamparo por aquele que me protege e que pode me punir é a base do medo no nosso entendimento. E a patologia do medo como sendo eminentemente social e do trabalho com efeito é um modo de manter a maior ameaça ao seres humanos, a propria morte, amortecida. A ameaça de ficar desprotegido é a ameaça maior que faz sintonia com os artifícios do poder do capital e do desamparo.

O riscos são os adultos ameaçados como crianças indefesas frente as desmesuras dos modelos de gestão pràduticvista e da ideologia neoliberal. Muitos sendo seduzidos pelos suposta proteção ofertada nos objetos encantados do mercado, agora, iluminado pelas “facilidades” de consumo das plataformas digitais, sem se dar conta, do alto preço das vidas humanas que são escravizadas nesse sistema.

A situação de confinamento, isolamento obrigatório é o remédio que alimenta o medo. A nossa capacidade de inventividade é infinita, a construção de um saber próprio, fora do pensamento único, do absoluto, do total. A patologia do medo é um modo de controle social e político dessa nossa condição, uma impossibilidade de criar laços sociais.

E teria saídas para essas armadilhas? Acredito que sim! Uma saída possível é pensar diferente do normal, ou seja, seguir a maioria nem sempre aponta para a saída. Nos resta então, pensar as saídas, elas são criadas, buscadas, são singulares, são coletivas, são inventadas...sair da letargia da felicidade da quietude, possível?

COLONIZAÇÃO E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Falar de colonização geralmente nos remete a lembrar fatos, alguns históricos, outros antropológicos. No entanto, minha perspectiva para a questão da colonização é aquela que se volta para o pensamento colonizante, da subjetividade colonizada. A colonização brasileira me interessou de uma forma particular, a partir de experiências presentes: minha experiência em organizações como INSS, sindicatos, tribunais nos quais já circulei. A segregação dentro dessas empresas me chamava muita atenção: tem o elevador que sobe determinadas pessoas que ocupam determinados cargos, outro elevador em que sobem as pessoas que não têm essas atividades ou essas atribuições. Assim, comecei a observar nas minhas andanças, na minha pesquisa, algumas características do comportamento dos trabalhadores de uma forma geral e da cultura organizacional relacionadas às questões da colonização.

O Brasil tem uma característica muito peculiar no processo de colonização. É essa forma indireta de colonização, que não foi diretamente feita pelos colonizadores portugueses. Uma característica que é singular. É o único país colonizado que tem essa característica - a convivência com os colonizadores no mesmo espaço geográfico. Quando a Corte Portuguesa se instalou no Brasil, houve uma convivência. Historicamente, colonizadores e colonizados ocuparam e viveram no mesmo espaço geográfico, e isso tem uma implicação política enorme para o desdobramento que abordarei neste texto e ao longo deste livro: a contraposição da servidão voluntária à emancipação no trabalho e mesmo nos processos políticos democráticos.

Então essa são características, singularidades do Brasil colonizado: essa convivência “pacífica” entre colonizadores e colonizados junto ao extermínio, o genocídio dos nossos povos originais e de suas línguas originais. Essa impossibilidade de sobrevivência

frente à desigualdade na luta. Essa é a primeira questão que gostaria de abordar: a desigualdade. Uma desigualdade enorme de força que caracteriza o nosso processo de colonização, e a desigualdade com relação ao conhecimento das nossas origens. Assim, a história da nossa colonização é contada na língua do colonizador. Então o que, o que é que restou? Ao meu ver, restou um discurso do colonizador que predomina, que predominou, que é quem contou a história de colonização e que exterminou, que eliminou os nativos originais. Os que sobraram foram domesticados.

Essas características que apresentei me mobilizaram para pensar as organizações brasileiras. É fazendo uma metáfora e uma analogia da colonização portuguesa no Brasil com situações organizacionais. Somos um país patriarcal, ainda formado por muito latifúndio, por muita desigualdade e nós não temos acesso à verdadeira história dos nossos antepassados. É uma história contada pelo colonizador. Então essas características históricas foram sendo introjetadas do ponto de vista da cultura e um elemento que me chamava muita atenção quando eu escutava os trabalhadores e quando eu via as realidades das empresas era o elemento ligado à subalternidade.

Então, uma subalternidade, uma passividade, uma subserviência muito grande, uma naturalização dessa dimensão colonizante, como se ser colonizado fosse algo extremamente positivo. Comecei a perceber a existência de uma rede de submissão a um processo de colonização que tem o objetivo de expandir, conquistar e subjugar. Não estou nem falando de valores de empresa, embora esses três verbos pareçam aqueles imperativos ligados à missão e valores organizacionais. Estou falando das propagandas que escutamos hoje de uma porção de empresas, de organizações que são formas de reprodução dos princípios colonizantes.

Esses princípios de expandir, conquistar e subjugar partem do princípio de que eu tenho algo melhor a ser dado a alguém que tem

algo pior. Então a relação de poder e de subjugação faz parte do processo de colonização. É sempre uma relação de opressão, de dominação e de subjugação. Subjugação por aquele que é dominante, que é o canhão, que vai dominar o arco e flecha, como no nosso caso brasileiro. E essa colonização ainda se perpetua hoje, produzindo profundas desigualdades. E o processo de colonização produz um outro discurso, o discurso meritocrático, que é o discurso que sustenta todas as ideias empreendedoristas, ou seja, você pode, você vai fazer, a responsabilidade é sua, você vai conseguir. Então no discurso meritocrático, “você não tem um bom salário porque você não merece”.

Mas não, você não tem um bom salário porque as pessoas não têm oportunidades iguais, porque elas foram saqueadas e roubadas dos seus direitos. É por outra razão. Mas é dito no discurso meritocrático que é porque você não merece, é porque você não tem competência, é porque você não se esforçou. E os artifícios do poder colonial vão produzir - e ele se sustenta - num discurso meritocrático, numa aristocracia financeira e em diversos eufemismos de igualdade. Nós escutamos muito isso: “somos todos da mesma família, essa empresa é uma família, somos todos irmãos” mas a gente tem ainda uma divisão de classe social enorme. Temos de lembrar que, no Brasil, temos duas grandes vergonhas da humanidade: a escravidão e o nazismo. Agora a gente tem uma vergonha chamada Brasil. Então a gente tem de que tudo tá se passando aqui.

Aqui no Brasil, vemos a reprodução de um modelo “Casa Grande- Senzala” em várias organizações. As pessoas são tratadas assim e elas aceitam. Mas por que aceitam? É essa questão sobre a qual refletirei, às vezes indiretamente, neste livro: às vezes é muito difícil dizer não, é muito difícil dizer “não vou”, “não posso”, “não quero”. Então a ideia da subalternidade é muito importante para nossa reflexão. Por que nos tornamos subalternos ou subservientes? Por que

entramos na servidão voluntária? Por que permitimos, de alguma maneira? Nesse sentido, estar subordinado, subalterno, em uma relação em que há vínculo empregatício, é o que me interessa. Mas antes, gostaria de enfatizar que embora haja um discurso comum de que os povos nativos e os que foram escravizados não lutaram, de que tudo foi pacífico, quero ressaltar que houve muita resistência e luta. Não existe senhor de engenho bonzinho, humano.

Nesse sentido, basta pensar na ética do capital: existe humanização do trabalho em plataforma digital, por exemplo? Claro que não. Então são eufemismos. Os artifícios do poder colonial produzem uma série de eufemismos, também no trabalho, como “vamos vestir a camisa”, “essa empresa é sua família”, “você aqui fazendo isso e aquilo vai chegar a presidente”, “você é um colaborador”. Mas você não é um colaborador, você é um trabalhador que vive do seu salário, que tem um contrato de trabalho, com direitos e deveres que devem ser respeitados. Então do ponto de vista psíquico, do ponto de vista da nossa subjetividade, por que aceitamos o pensamento colonizante? Por que aceitamos o discurso colonizador? Por que proferimos o discurso colonizador? Por que entramos na servidão voluntária?

Podemos pensar em três elementos para a entrada na servidão voluntária: em nome da sobrevivência, em nome do poder e em nome do conforto ou segurança. Étienne de La Boétie (1530-1563) em seu livro *Discurso Sobre a Servidão Voluntária* (1563) reflete sobre essa questão do ponto de vista de uma monarquia: porque o povo obedece o rei? Embora sua reflexão seja na monarquia, vale a referência para hoje onde tantos se acham reis ou tantas empresas seguem modelos de gestão que mais parecem monarquias, ou melhor, aristocracias meritocráticas. Voltando a La Boétie, por que as pessoas entram em um estado de servidão voluntária? O autor vai remontar à proteção que esse rei provê a esse povo e, em função disso mas não somente, o

servilismo e a subserviência surgem em forma de subjugação voluntária às ordens do rei como forma de desfrutar da prometida segurança, da proteção, das garantias que são vinculadas a uma certa dependência.

Em uma monarquia, onde a questão dos direitos está fora de situação, são essas promessas dos tiranos que se vinculam, em parte, fortemente à servidão voluntária. Mas agora, por que entramos em servidão voluntária dentro das empresas ou até dentro de outras instituições se nós temos uma carta constituinte, se nós temos direitos, se nós temos um contrato de trabalho, se nós não somos escravizados? E é aqui que a dimensão psíquica, subjetiva, é importante. Por que eu ou qualquer um de nós que está aqui hoje, ou alguém que a gente conhece, entra em um processo de servidão voluntária sendo que o modelo em que nós estamos não é uma monarquia, não é uma aristocracia, não é mais a colonização do ponto de vista histórico?

Então é preciso haver uma desconstrução, uma descolonização desse pensamento de que há um Grande Outro. Aquele que tem o poder sobre nós, porque nós seres humanos, na nossa psique, imaginamos que existe alguém que tem um poder sobre nós - imaginamos porque, de fato, não tem. A gente fantasia que tem alguém ou que existe algo fora de nós que tem o poder sobre nós. Então essa é a questão. Porque a servidão voluntária, para La Boétie, está ligada a isso, à busca de segurança, de sobrevivência e de poder. Então para eu ter poder, para eu ter segurança e para sobreviver entro em servidão voluntária, eu vou aceitar, eu vou aceitar aquelas ordens, eu vou aceitar aquela tarefa, aquela atividade, eu vou aceitar, por exemplo, que meu chefe me faça de joguinho, juguete. “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”, ou seja, há o uso abusivo do poder e, por isso, por uma questão também, no caso do Brasil, histórica, o poder é usado de uma forma mais

dominante, como se a todo momento tivesse um “indolente” que você precisa domar.

Mas de toda forma, esse também é um aspecto da servidão voluntária que se vincula a nossa dificuldade de enfrentar nossa ferida narcísica. Achar que faz parte de um reinado é uma forma de o povo não entrar em contato com suas misérias, com as suas precarizações, com seus limites. Então a servidão voluntária é uma forma de nos proteger da nossa ferida narcísica, é uma forma de nos proteger da nossa vulnerabilidade, do desamparo, da dependência do outro porque, se eu tenho alguém que vai fazer e que eu vou ceder, no caso, o meu desejo para esse Grande Outro. E se eu entro em uma servidão voluntariamente, eu estou protegida dessa minha vulnerabilidade, do desamparo. E vou estar também protegida de outra coisa: a responsabilidade pelas minhas escolhas - porque para viver é preciso pagar um preço. É um investimento. Então, quando eu boto a minha vida na mão do rei e o rei é quem resolve, quem é o responsável? É o rei. E eu? Eu vou ficar fora do protagonismo da minha própria história porque ele também vai construir toda essa história por mim. Então eu também perco o protagonismo do meu destino quando eu entrego a minha vida na mão do rei.

Podemos transpor essa lógica para pensar as organizações. Pensar o rei como gestor, o rei como uma empresa. Então, em nível subjetivo, o que ganhamos na servidão voluntária? Ganhamos a proteção ao nosso narcisismo uma vez que não entraremos em contato com as nossas falhas ou responsabilidades, com as nossas escolhas. Não é fácil fazer escolhas e sustentar as consequências dessas escolhas. Então, muitas vezes, o sujeito desiste do seu desejo, da sua autonomia, da sua condição. De construir o seu próprio destino, desiste do protagonismo e entrega na mão desse outro, na mão desse rei, na mão desse senhor, o seu destino, a sua vida, as decisões, o que vai acontecer

com ele. Essa é a tese de La Boétie sobre a servidão voluntária. Mas como sair dessa servidão voluntária, como se descolonizar?

Uma possibilidade, principalmente no espaço do trabalho, é a transgressão. A transgressão, não a infração. Transgredir seria não obedecer às ordens do rei porque esta ordem, que é dada por um tirano, não é justa. Um exemplo de transgressão no trabalho são os atalhos que se utilizam, pequenas transgressões. Mas hoje, no capitalismo digital do trabalho plataformizado, quais são as possibilidades de transgressão? Como podemos dar o nosso jeito? Como podemos fazer da nossa forma? Como podemos atuar nas brechas, nos vácuos? É fazer o trabalho que só eu sei que eu faço do jeito que eu faço para poder transgredir o prescrito. Nesse sentido, a transgressão sempre é positiva - diferentemente da infração - porque ela aprimora o trabalho. É usar a sua criatividade, a sua sabedoria, a sua experiência, a sua inteligência prática para chegar ao mesmo resultado, e às vezes o resultado melhor, de melhor qualidade, e às vezes no mesmo tempo, mas fora do manual.

Mas se você falar que transgrediu pode ser punido porque não seguiu as normas Mas se você seguir as normas, muitas vezes, entra em operação padrão e o trabalho não sai. Por quê? Porque o trabalho é feito por humanos. Porque ao mesmo tempo que podemos cair nessa servidão voluntária também podemos entrar nessa perspectiva de transgressão. Então com isso a gente consegue driblar o domínio do prescrito. É uma das formas de lidar com esse servilismo, com esse mutismo, essa indiferença da servidão voluntária. É a transgressão que se articula com insistir, com persistir e, principalmente, com a criação. Afinal, o sujeito não deixa de existir porque ele está preso. Nós continuamos sendo sujeitos. O que acontece é que nós desaparecemos da cena, deixamos de ser protagonistas e passamos a ser um mero espectador ou um mero reprodutor de papéis.

Porém o sujeito sempre vai existir, só que pode eventualmente desaparecer da cena. E no lugar dele surge um mero dublê e o sujeito, desaparecido, sai da cena e deixa de ser protagonista. Então a servidão voluntária é uma forma de se retirar da cena, deixar que o outro dirija a sua vida por você, que diga o que você tem que fazer. E o que é mais impressionante é esse comportamento servil, subserviente, que ainda observamos hoje mesmo não estando mais no feudalismo nem na colonização historicamente falando, ainda que do ponto de vista subjetivo, do ponto de vista dos comportamentos, condutas, discursos, formas de pensar, o Brasil seja colonizado.

Esse é um tema amplo e que retomaremos ao longo de todo este livro de uma forma ou de outra. Trouxe aqui o que penso sobre nossa sociedade - uma sociedade realmente patriarcal, conservadora e bastante também assistencialista - e como seus valores se reproduzem em outras relações, incluindo as de trabalho. Para finalizar, o que eu quero dizer é que a servidão voluntária é muito grave porque ela tem uma influência histórica, uma influência social, uma influência cultural e uma influência psicológica. Então, se esses quatro elementos se encontram, o sujeito fica sem saída no labirinto. Ele vai entrar na servidão voluntária e vai ficar aprisionado no labirinto.

VOZES TIRÂNICAS

Quando eu falo em voz, não é só a voz sonora, não é só a voz falada no seu timbre, na sua frequência, mas ela também envolve os gestos, o olhar. Muitas vezes ela é falada através do olhar e às vezes esse olhar é fulminante, digamos assim, em relação ao que eu vou falar sobre a voz que é a questão da tirania. Todos nós recebemos esses chamados ou esses chamamentos quando a gente nasce: “oi, fulano, esse é o bebê”. Bonitinho, fofinho, gracinha. São vários os qualificativos - ou não - porque às vezes são falas que nos qualificam e às vezes são falas que nos desqualificam: “ai, como esse bebê chora, como é chorão”. Ou então: “como gosta de comer, aí como é guloso”. Registramos esses chamados na nossa psiquê, e essas vozes podem se tornar tirânicas quando vêm como verdade absoluta e vinculam esses chamados à identidade.

Estou trazendo esses exemplos, mas em contextos do trabalho, por exemplo, como eu escrevi no meu livro, muitas vezes a voz que se produz é “trabalhe e cale-se”, “fale menos e sorria mais”. São ordens que estão ali veiculadas naquele discurso dentro do INSS, dentro do hospital, dentro de outras empresas e que faz com que pessoas que já são adultas fiquem paralisadas quando escutam essas vozes, elas ficam boquiabertas muitas vezes, principalmente em situações de assédio moral porque elas revivem esse trauma dessas vozes primárias das quais elas foram chamadas: bebê chotão, bebê lento, bebê chato, bebê qualquer coisa. E mais que isso. Não só chamado de algo que não é algo qualificante, mas também uma voz de ordem que carrega nela a possibilidade de punição - se ele não fizer ou ele não for aquilo que está sendo dito, ele será punido, ele será abandonado, ele será desprotegido, ele será aniquilado. Ou seja, na fantasia, na imaginação que ele tem ali, ele vai construir que ele é o que estão dizendo que ele é porque ele não

sabe quem ele é e tudo que ele vai escutar, ele vai escutar como essas ordens que se ele não fizer, se ele não cumprir, se ele não atender, ele poderá ser punido, abandonado, desprotegido.

Esse é aquele medo primário, originário, aquele medo de ser abandonado por aquele que lhe protege, porque o recém-nascido está totalmente desamparado, ele não anda, ele não fala. Se alguém não der comida a ele, cuidar dele, ele está perdido, ele está perdido no sentido não de se perder, mas no sentido de ele estar morto porque ele não tem como buscar os seus próprios recursos. E todos nós já fomos recém-nascidos. Isso é um fato. Dessa forma, todos nós passamos por essa experiência do desamparo, de se sentir ameaçado ou com medo de ser abandonado ou punido por aquele que nos protege. Então sempre teremos essa ambivalência: aquele que protege mas também aquele que pune. E é aí que entra o Supereu. Nós costumamos associar ele com uma coisa moral, associando-o à culpa. Mas o Supereu dentro dessa perspectiva que eu quero trazer pra vocês é absolutamente amoral. Ele não se relaciona diretamente com a culpa, ele vai se relacionar com o que, dentro da psicanálise, o Freud chamava de Ideal do Eu.

O Supereu tem duas formas de funcionamento. Uma é como se fosse um depósito mental, afetivo, onde estão depositados todos os quereres, as vontades e os desejos dos nossos cuidadores em relação a nós. Essa pessoa que cuida desse recém-nascido, essa que vai entrar em contato com ele no início da sua vida, é essa pessoa que protege mas ao mesmo tempo pode punir caso esse recém-nascido não atenda às suas ordens. Aí temos a tirania. Mas não quer dizer que todas as ordens sejam tirânicas, nem quer dizer que não exista também um Supereu pacificador - mas essa é uma distinção conceitual um pouco mais complexa que não vou explorar aqui, mas acho importante que a gente saiba que existe aquela voz que pacifica. Enfim, o importante é que, em teoria, não é o Supereu que faz essas vozes. Ele é formado antes do nascimento com todas essas coisas que são ditas do recém-nascido, ele

já vai incorporando na sua psique todos esses ideais que são construídos sobre aquele recém-nascido que vai virar um adulto, que vai virar um sujeito.

Essa ordem que é dada, essas leis que introjetamos, introjetamos essas tiranias e depois é esse próprio Supereu o nosso maior tirânico. Nos tornamos tiranos de nós mesmos porque o Supereu joga com o que tem, o que foi incorporado como ordem ou como comandos. Ele reproduz na vida adulta o que foi introjetado na infância, em várias vozes do Supereu. A seguir vou fazer uma atualização de como acontece isso para os adultos. Muitas dessas ordens que foram introjetadas através desses outros, passamos a nos dá-las e querer cumpri-las. Com isso nós nos sentimos satisfeitos porque estamos atendendo a essa voz tirânica desse Supereu, que é a introjeção do que disseram que nós somos e é também a expressão que nós fazemos dessas introjeções que nós internalizamos.

Agora vamos pegar exemplos em situações de trabalho. Já falei aqui do modelo produtivista e suas ordens como: “você tem que bater as metas”. Você tem as demandas, as exigências que são feitas a nós, adultos. Hoje, nessa situação de pandemia, ainda de isolamento, ainda dos que trabalham à distância, todas essas controvérsias e adversidades que nós estamos vivendo, a gente ainda tem aquelas ordens e aqueles controles como: “responda o whatsapp todas as horas”. O que é isso? De onde vem? Por que nós obedecemos a isso? Se nós temos o nosso contrato de trabalho, que nós sabemos que o trabalho é das sete às oito, de oito às catorze, enfim, por que que nós estamos nesse aplicativo respondendo todas essas demandas de trabalho e trabalhando pelo WhatsApp? Porque virou um instrumento de trabalho, e vem aquela voz... É aí que eu quero chegar.

Então, não sei se vocês tem escutado essa voz que diz que você tem que fazer, “você tem que”. “Tem que” uma porção de coisas e o

sujeito vai ligando no automático, vai fazendo, vai atendendo a essa voz e, quando vê, não era isso que queria fazer. Não era isso que você queria fazer e a voz dizendo: **■ faça, faça, faça ■**. Então, essa voz que fica nos mandando fazer coisas que na realidade não são coisas que nós desejamos na nossa mais profunda essência é a voz do Supereu tirânico. Ele vai dizer assim, por exemplo: “você pode trabalhar até a exaustão”, “você é uma máquina”, “você tem poder”, “você pode fazer o que você quiser”, “você pode prejudicar os seus colegas”. A pessoa está naquele dilema e a voz diz: “mas você pode prejudicar, você deve prejudicar, vai lá e prejudica porque você tem o poder, porque você pode”. Essa é a voz tirânica que obedecemos e, com isso, nos sentimos satisfeitos porque essa voz diz que você pode, e então você vai e você faz.

Ela vai nos lembrar uma voz que já foi dita e sobre a qual nós criamos a fantasia de que se não atendermos àquela ordem, seremos punidos. Então é segundo esse raciocínio que eu digo que o Supereu é amoral, como diz Lacan, porque ele não coloca culpa no sujeito. Essa é uma primeira questão. Uma segunda é que a voz não é igual à fala. Essa voz que a gente escuta desse grande Outro, o recém-nascido escuta. Esse recém-nascido não tem voz e não tem fala. O que ele tem é o grito. O recém-nascido grita, depois ele faz uns balbucios, e então é que ele fala. Se fôssemos pensar naquelas máximas de “vamos dar voz ao trabalhador”, na verdade temos é que dar fala ao trabalhador porque a voz pode ser um grito ou uma queixa ou um blá blá blá que não será escutado, que se vai misturar com outras vozes. Nesse sentido, isso reforça para nós que não é uma boa nós adultos gritarmos, espernearmos, balbuciar, fazer o blá-blá-blá do bebê, gritar pela mamadeira - porque ela não vem.

Com isso eu estou dizendo que, dentro dos espaços adultos, dentro do possível, reproduzimos os comportamentos infantis.

Entramos nessa crise de birra, entramos na crise do grito, entramos no balbucio e isso é importante porque já é um primeiro passo para fala, mas não podemos nos fixar nesse formato de elaborar uma demanda para o outro. É nesse sentido que eu estou dizendo que a gente precisa dar a fala porque a voz pode ser um grito de um megafone que não será atendido ou de fato escutado porque é uma diferença entre falar e dizer e entre ouvir e escutar. Ouvir é quase como “entra por um ouvido e sai pelo outro”. Isso é comum hoje nos ambientes de trabalho. A gente fala e não é escutado, é um jogo de surdo/mudo, ou seja, dentro dos espaços de trabalho capitalista a gente vê muito isso, as pessoas dizerem: “eu cansei de falar e ninguém me escuta”, “eu cansei de falar pro meu chefe desse projeto ou que isso não ia dar certo”. Não há escuta. Por isso a importância de dar fala, e não voz, ao trabalhador.

Parece estranho isso que eu estou dizendo, porque por muitos anos a gente ficou nessa perspectiva de “dar voz”. Mas a voz a gente não dá, ela simplesmente existe. O que nós precisamos para resistir a esses “chamados de”, a essas vozes, a essas desqualificações, a essas ordens, a esses comandos, à opressão que eu já citei muito aqui, do modelo de produtivista que nos oprime? Essas ordens nos remetem a essas vozes tirânicas do Supereu que nos empurra para atendê-las sem fazer nenhum tipo de reflexão sobre o que realmente nós queremos, o que realmente nós desejamos, o que é realmente o melhor para nós.

Como resistir a essas vozes que são enlouquecedoras? Esse excesso de voz dentro da nossa cabeça faz com que não consigamos falar porque a gente só está ocupado com essas vozes que não são nossas. Então, para falar, nós precisamos fazer como a criança que tapa os ouvidos. Esse ato, que muitas crianças fazem, considerado infantil, é um ato de resistência a essa vozificação tirânica do Supereu. Nós só podemos resistir se nos ensurdecemos dessa voz. Precisamos deixar de escutar essa voz de “você é isso”, “você é aquilo”, “faça isso”, “faça

aquilo melhor”. Só assim para poder ensurdecer e poder dizer não: “perai, não é isso, não vou responder o WhatsApp à noite”, “calma aí, não vou atender essa meta”, “perai, inventaram essa meta sem me perguntar”, “perai, não vou ficar aqui mais nesse lugar, não vou mais aceitar que o chefe fique aqui gritando com as pessoas”, “não quero mais isso, não vou aceitar isso”.

O ensurdecimento dessas vozes - que no ambiente de trabalho se manifestam como “trabalhe e cale-se”, “você é insubstituível”, “você é uma máquina”, “você pode”, “trabalhe até a exaustão”, “trabalhe noite e dia”, “você vai ter sucesso, você é a melhor, você é insubstituível” - são todas idealizações que esse Supereu reproduz, em forma de voz, vozes que também são, como eu falei, gestos, olhares. Então, é fundamental que nós nos ensurdeçamos. Ensurdecer significa não escutar essas vozes para poder falar o que de fato a gente quer, o que de fato é bom para nós. É fácil isso? Não. Talvez a gente nunca consiga. Por isso a importância de se submeter a um trabalho clínico, uma análise. Para a gente entender porque que nós nos calamos, porque obedecemos a esses comandos. Porque às vezes não tem ninguém dizendo nada, de fato, de verdade, e nós obedecemos essas ordens mesmo assim? Por que que nós aceitamos o opressor? Por que nós aceitamos as tiranias? Por quê? Por que aceitamos isso? São questões que tem me inquietado, especial nesse momento político do Brasil. O que faz com que as pessoas se engajem na voz do opressor que surge como salvador?

São muitas as razões, como as econômicas, históricas, religiosas, políticas, além do evidente medo de ser punido por aquele que nos protege. seja como for, é muito difícil nos libertarmos dessas vozes do Supereu porque são as vozes que nos fizeram ser o que nós somos, nós somos o que somos porque alguém disse que a gente era isso. Mesmo que a gente se olhe no espelho, que é uma forma de conhecermos a nossa imagem, essa imagem não é real ou, digamos assim, realística.

Afinal, ela é a do espelho. Então é trabalhoso e às vezes penoso. Vamos precisar que o outro nos diga quem nós somos para nós sabermos que somos algo. Se alguém não diz que eu fui eu, como que eu saberia que eu seria eu?

Como que nós vamos conseguir colocar um limite nisso? Como, se a voz da sociedade, a voz do capitalismo digital, a voz do trabalho, é a de que você tem que responder rápido a todas as demandas que fazem para você porque se você não faz isso você é excluído. Se não fizer isso você é incompetente, lento, desatualizado, não conhece tecnologia, não é moderno e sei lá o quê. E aí vem uma porção de coisas que nos remete a esses primórdios ou a esses momentos das nossas fantasias originárias onde éramos “chamado de”. O que fazemos para resistir a essa tirania do opressor ou do Supereu ou dessas vozes? Primeiro, se ensurdecendo delas, e isso é um trabalho enorme, tem até atualmente uma aluna minha de doutorado que está fazendo uma tese sobre o trabalho de ensurdecimento das vozes do Supereu. É um trabalho enorme fazermos isso, nos ensurdecer dessas vozes. E para quê? Porque se a gente não fizer isso nós entramos no canto da sereia.

O canto da sereia não é um canto, é um grunhido. Na mitologia, quando os pescadores vão atrás do canto da sereia, eles desaparecem. Então o sujeito, quer dizer, a pessoa... esse sujeito que é eu, enquanto que existo, enquanto pessoa que tenha fala, que tem desejo, que posso discutir, debater, refletir, pensar, sentir, agir. Quando estamos completamente dominados por essas vozes do supereu e por esse canto da sereia nós desaparecemos na nossa existência, nós viramos o tal zumbi que eu já mencionei. Entramos no automático, não pensamos, só repetimos o que as vozes estão dizendo para fazer. É o sujeito da repetição, é o sujeito que não cria, é o sujeito da compulsão à repetição.

Todas as compulsões - sejam ligadas ao uso de substâncias psicoativas, compras, jogos, trabalho, comida - são formas de nos sentirmos satisfeitos com uma coisa que vai se repetindo e, nesse

sentido, enquanto repetimos, ficamos enrolados e, enquanto ficamos nesse movimento de repetição, nesse movimento compulsivo, não entramos em contato com as nossas castrações ou os nossos limites ou o nosso próprio desejo ou a nossa finitude ou as nossas frustrações, os nossos ressentimentos, as nossas mágoas, as nossas perdas, os nossos lutos, as nossas tristezas. Quando estamos zumbi ou atendendo às vozes tirânicas do Supereu nós não nos frustramos porque tudo pode, tudo vai, vai... e aí todas as compulsões ocupam esse lugar de trazer uma satisfação que a gente chama de um gozo no sentido de um excesso.

Então o que eu queria mais deixar hoje aqui como essencial da nossa discussão é que precisamos achar formas de silenciar essas vozes tirânicas, que nos dão ordens, que nos controlam, que nos oprimem, e tentar falar. Para isso, precisamos nos ensurdecer dessa voz, porque se a gente ficar escutando elas a gente não vai conseguir falar, porque elas são altas, elas são muito intensas, são as vozes do modelo de gestão, são as vozes da chefia, são as vozes da televisão, são as vozes das redes sociais...

II

As patologias do trabalho

GESTÃO PRODUTIVISTA PRODUZINDO PATOLOGIAS

A partir do final do nosso último encontro, quando eu falava da criação de possibilidades de resistência, tivemos a ideia de discutir a questão da gestão e seus impactos. Em 2013 fizemos uma pesquisa no SINDSPREV, tem até uma cartilha, e seria bem interessante retomar a discussão de alguns pontos que estão ali. Por isso vou retomar um deles e desenvolvê-lo hoje: a gestão produtivista. Nossa pesquisa apontou para o fato de o INSS ter uma gestão produtivista, individualista e, agora, também autoritária. Ainda mais autoritária do que era na época da pesquisa, em 2013. São três dimensões do modelo de gestão do INSS que quero destacar hoje: produtivismo, individualismo, autoritarismo. Essas dimensões presentes desde aquela época parecem se intensificar por causa do trabalho remoto obrigatório. Esse novo modo de trabalho, compulsoriamente remoto, traz diversos danos para a nossa saúde.

Aliás, tudo o que é da ordem do obrigatório, tudo que nos oprime e que nos impede no nosso arbítrio, na nossa liberdade, vai trazer dano de alguma forma para nossa psique, para nossa subjetividade ou para nossa saúde. Então gostaria de retomar também dois conceitos com os quais já viemos trabalhando nos últimos encontros: opressão e dominação. São duas coisas que existem na sociedade, existem nas instituições e existem enormemente hoje nos modelos de gestão organizacionais. E qual o efeito dessa dominação ou opressão, qual que é o efeito sobre nós, sobre nossas cabeças, nossas subjetividades, nosso foco, nossas formas de nos comportar, de funcionar e a nossa saúde não só mental como também física?

É aqui que entra a patologia da indiferença. Eu gostaria muito de esclarecer o quanto esses modelos de gestão, produtivista, são produtores indiferentes. Essa é a articulação e a ideia principal que eu

quero hoje tratar com vocês. Antes disso eu vou falar muito rapidamente como é que são esses modelos, não vou fazer um histórico dos modelos de gestão pela humanidade desde o advento do capital, mas vou falar três princípios de um modelo chamado taylorismo ou taylor-fordismo. É um modelo de gestão de racionalidade do trabalho, quando a gente fala de racionalidade do trabalho a gente está falando de organizar o trabalho.

E quando falo de gestão do trabalho, falo de um modelo de produtividade que atinge toda a sociedade. De forma geral, as instituições hoje têm essa perspectiva produtivista, da aceleração, do discurso capitalista que nos vende que temos que ser produtivos, que temos que ser úteis, que temos que ser acelerados, que temos que ser estressados, que temos que fazer, fazer, fazer, fazer, fazer o tempo todo. Não há mais espaço para o ócio, não há mais espaço para reflexão, para discutir, elaborar. E agora então, com essa situação de isolamento a gente tem muitas perdas no nosso processo de socialização. Nós estamos impedidos de fazer essa socialização, o que nos coloca numa situação de muito isolamento, de uma vida confinada. Então não só o confinamento no sentido de proteção dos riscos mas é a vida confinada, aquela vida onde o sujeito apenas está presente mas não existe como sujeito porque ali não tem um desejo, ele está ali presente mas não existente.

Então isso é uma dimensão bastante importante em relação à problemática da indiferença da qual vou falar daqui a pouco. Mas voltando ao primeiro modelo de gestão do capitalismo, esse chamado taylorismo ou taylor-fordismo que organiza qualquer tipo de trabalho a partir de uma racionalidade econômica. Isso significa a racionalização do trabalho. É exatamente esse planejamento e essas etapas de como nós vamos fazer determinada tarefa. Para exemplificar o taylorismo temos o emblemático filme “Tempos Modernos” do Charles Chaplin. É o exemplo clássico do taylorismo. Não vou me aprofundar muito no

taylorismo, mas eu vou falar sobre quais são os problema que os modelos de gestão atuais, neoliberais, produtivistas. São modelos baseados em montadoras de automóvel. Então pensemos aqui no que era feito ali: era peça de carro, montar o carro, uma esteira de produção com uma velocidade muito maior do que o ser humano, como mostra no filme “Tempos Modernos”.

E hoje o que nós vemos é que também é assim na vida, na universidade que é o meu trabalho, mas também no de vocês que estão no INSS. É como se houvesse uma esteira de produção sobre os nossos pés, e ela é muito rápida porque ela está vinculada a duas outras lógicas do capital que são acumular e consumir. É preciso produzir mais para que o consumo aumente e para ter uma acumulação de produtos. Tudo isso para poder acumular lucro. Essa é a lógica do capital. E todas aquelas vezes em que eu falei de repetição, de padronização, de pasteurização de subjetividade e de comportamento se articula com essa ideia principal que é a lógica da produção em série, da produção repetitiva, da produção padronizada. É a produção com controle.

No início do capitalismo era visível aos olhos a presença do chefe, a gestão era mais explícita, você via quem era o chefe, o supervisor ficava ali olhando e tal. Com o avanço do capital, o que para mim não é um avanço, à medida em que o capital financeiro foi se apropriando dos bens de propriedade do planeta Terra de uma forma geral, esse modelo inicial da esteira de produção foi ficando muito sofisticado, foi ficando muito sutil, foi ficando muito, digamos assim, incorporado no nosso discurso e aí nós, seres humanos, muitas vezes funcionamos como se houvesse uma esteira de produção sobre nossos pés. Tentamos nos adaptar às máquinas no sentido da velocidade com que uma esteira passa. Então essa é a ideia principal que eu queria discutir porque esses modelos de gestão inicialmente chamado taylorismo, depois fordismo, depois o toyotismo, que é japonês e que tinha a coisa da diversidade de tarefa, o trabalho em equipe, é toda essa conversa mole para tentar

convencer os trabalhadores de que eles estavam ali envolvidos e não sendo expropriados.

Então hoje a gente tem um grande dano para a empresa pública, como no caso do INSS, de trazer para o ramo do serviço um modelo que é esse modelo de produção de peças. Ainda mais nesse modelo horrível capital taylorista da esteira de produção que fracassou, ele fracassou porque o ser humano não é capaz de acompanhar o ritmo da máquina - e ainda bem. Mas então essa crise do modelo de produção capitalista trouxe como contrapartida esse modelo humanista extremamente pernicioso e manipulatório porque ele vai fazer exatamente um discurso de uma forja de que a empresa é muito boazinha e que está lhe trazendo muitos benefícios e fazendo muitas coisas boas. Isso é feito esperando-se que o trabalhador não faça nenhuma crítica, não reflita, enfim, entre em um processo de servidão voluntária.

Os nomes dos modelos de gestão podem até ter mudado mas a essência é a mesma: manter a esteira de produção sobre nossos pés, nos enganando de que não há nenhuma esteira de produção - ou pior - nos culpando de não sermos capazes de ficar nessa esteira produtiva. Então esse modelo, que eu chamo de produtivista, é uma repetição da esteira de produção do começo do capital do século passado. De outra forma muito elegante, com outras roupagens e, o pior, sendo implantado nas empresas públicas como no INSS. É um modelo pernicioso em si mesmo e mais ainda no serviço público porque o trabalho do serviço público não é a mesma coisa que montar um carro. Mas quais são as características essenciais desse modelo produtivista?

Primeiro, a ideologia da excelência. Tudo tem que ser excelente e aí tudo tem que ser perfeito e aí não tem erro e não pode ter falha. Isso produz em nós trabalhadores culpa e vergonha porque não somos capazes de dar conta desse imperativo, e aí achamos que nós que não somos capazes de dar conta de fazer aquilo mas não é. Se acalme quem

sentir isso e pensar “ah, eu sou inútil, eu não sou capaz, eu sou incompetente, eu sou lenta, eu sou lerda” e, conseqüentemente, ficar adoecendo por isso. Não entre nessa. E se já estiver nessa, procure o plantão psicológico para tratar isso porque não é culpa do trabalhador, assim também como nós não estamos nesse lugar de vítima. Tentam nos colocar nesse lugar para que não se resista, mas nós não somos vítimas porque o trabalho é nós que fazemos, nós é que temos o poder sobre o nosso trabalho. Só que o modelo é perverso e aí em função dessa ideologia da excelência e em função dessa qualidade total, em função dessas exigências de ser pleno, de ser absoluto, de não ter espaço para o erro, de eliminar qualquer tipo de sofrimento, eliminar qualquer coisa que seja humana, então essa tendência do modelo produtivista é colocar essa esteira de produção nos nossos pés.

Nos fazem acreditar que nós não somos capazes de falar, que nós não estamos à altura da esteira, mas é a esteira que não está a nossa altura. As máquinas têm que ser submetidas aos seres humanos e não nós sermos escravos das máquinas. As máquinas existem a nosso favor, como um instrumento e não como prolongamento do ser humano. Menos ainda como formas de ditar aspectos do nosso trabalho como, por exemplo, a velocidade ou a aceleração ou a fragmentação do trabalho. Bom, então quais são as características dessa gestão de produtividade? Excelência, a totalidade, o absoluto, a plenitude e que tudo isso então é veiculado a um discurso que é o discurso capitalista, que é um discurso também no Brasil capitalista colonial, agora também digital.

E esses modelos de gestão fazem o uso abusivo do poder. É nessa dimensão que eles são modelos opressores, quando eles promovem uma dominação ou um poder dominante sobre o outro. Um exemplo é quando na empresa privada acham que são donos do trabalhador. Nós não estamos mais na escravidão, apesar da nossa larga história... O patrão não é dono do trabalhador. Nós temos um contrato de trabalho

com direitos e deveres, com horário, com jornada de trabalho, com limite, nós já temos um salário muito injusto em relação ao que nós trabalhamos, porque não tem como calcular quanto custa quando a gente sonha com o trabalho, quando a gente trabalha no carro, quando a gente acha soluções para aquela instituição. Nosso salário, como todos os salários, são injustos pois são baseados na exploração e na expropriação do trabalhador.

Esse modelo de gestão liberal usa o discurso meritocrático - que é uma farsa - para nos convencer de que tudo isso é bom e todos somos livres e autônomos nos nossos trabalhos. Mas o que existe é a reprodução da diferenciação de classes sociais dentro das empresas, as castas, não é? Como dizia o Gilberto Freire, Casagrande e Senzala. Isso se repete no INSS, se repete nos tribunais, se repete em várias instituições de trabalho brasileiras. Esse modelo produtivista, o risco dele, o risco ou a ameaça dele a nossa saúde mental, a nossa integridade como um sujeito é o discurso que ele produz e o quanto que ele usa de sedução para nos convencer de que nós somos livres, de que nós temos um livre arbítrio. Esse é o discurso do neoliberalismo, esse é o discurso liberal que começou lá na Inglaterra com a Margaret Thatcher.

Hoje o mundo todo é liberal. É liberal mas não é livre, é liberal mas não é liberto porque é um discurso falacioso, porque nós não temos o livre arbítrio sobre os nossos destinos quando estamos sob a dominação e a opressão do capital. Então esse discurso é muito perigoso, ele nos remete ao nosso narcisismo. Como eu já falei em outros momentos, nós seres humanos temos essa condição ou essa forma de funcionar narcísica que é autopreservação, que é um investimento em nós mesmos, mas acima de tudo de nos sentirmos onipotentes. Então o narcisismo no sentido da onipotência de eu ser, eu resolvo, eu posso, eu vou, eu quero, é muito pernicioso para o laço social, uma vez que o laço social fica sob a égide dessa opressão, de um

poder de dominação onde se diz “você vai fazer isso porque quem manda aqui sou eu”.

Bom, então esses são os opressores, quer dizer, são as figuras que encarnam a opressão. Essas figuras tirânicas, opressoras, de dominação que o capital tem. O que é mais pernicioso, mais nefasto e mais entristecedor é o “capataz”. Um gestor do serviço público, por exemplo, que é um servidor público igual a seus colegas, fez concurso como seus colegas, mas que tem uma gratificação financeira diferenciada dos colegas para poder exercer algumas funções diferentes, de gestor. A função do gestor é proteger, apoiar, mobilizar e fazer a invocação da equipe, do grupo. Mas essas pessoas encarnam esse outro papel, o do capataz. E muitas pessoas encarnam isso.

E aí é preciso retomar a ideia de banalização do mal, pois é ela que produz a indiferença que, por sua vez, está muito articulada a esse gestor médio. Gestor médio, classe média, medíocre, mediano, tudo isso está no mesmo pacote. É aquele que não é o dominante mas assume o discurso do dominante. É aquele que não é o colonizador, mas assume um pensamento e um discurso colonizante e aí passa a colonizar os seus iguais, os seus pares, passa a exercer opressão e dominação contra os seus pares. Isso produz uma divisão enorme na classe trabalhadora e dentro das empresas, pois esses gestores capatazes são pessoas cooptadas pela questão do dinheiro e, de alguma maneira, por essa autorização de exercício de poder de forma dominadora e opressora. Eles são autorizados a fazer o uso abusivo do poder e isso cola no narcisismo do qual eu acabei de falar. E é aí que surgem gestores que se sentem superiores, onipotentes, semi-deuses.

Essa questão da banalização do mal tem tudo a ver com esse gestor médio e, penso também, com a classe média, essa classe que não existe de fato, penso que todos somos trabalhadores, somos da classe que vive do trabalho - com exceção de quem tem domínio do capital.

Mas aí está a questão da classe média: se você não se reconhece como trabalhador, como é que você vai lutar por alguma coisa, contra a opressão? Porque o gestor médio, aquele que ganha gratificação, o tal coordenador que fica passando o WhatsApp de madrugada, que vive em uma reunião atrás da outra, que tem garagem privativa, porque toma água num copo de vidro enquanto os outros tomam em copos de plástico, é ele que está chefe mas se sente chefe, dono do outro, faz um uso abusivo do poder. Fica nesse lugar do patrão, do capataz, vira representante de interesses capitalistas. Pior ainda no emprego público onde os interesses do Estado deveriam prevalecer. Na empresa pública, sobretudo, esse abuso de poder tem que ser eliminado.

E a postura de opressão desse gestor capataz reverbera em cada um de nós pois nós temos a nossa subjetividade, nós temos as nossas histórias individuais, nós temos os nossos traumas com os opressores, com os dominadores, com as figuras de autoridade. E é por isso a importância de a gente também buscar uma escuta psicológica como forma de resistir a essas figuras e vozes tirânicas. Às vezes temos na nossa história a experiência nas infâncias de muito uso abusivo do poder por parte das figuras de autoridade em nossas vidas e, às vezes, nessas novas experiências de opressão juntam um trauma pessoal com um trauma social. A história de vida se mistura com a história de trabalho e aí, diante do opressor, ficamos boquiabertos. Não conseguimos reagir, ficamos paralisados, sem ação diante disso, porque além de a dominação e a opressão serem coisas muito violentas para nós, para nossa subjetividade, também as nossas histórias podem se cruzar com isso e ser mais difícil a gente confrontar essas figuras de autoridade.

Essa questão da tirania, a questão da autoridade, do autoritarismo, ela acontece na história do Brasil desde que o Brasil é Brasil, um país colonizado, periférico. Mas não precisamos ter pensamento colonizado só porque, historicamente, fomos colonizados.

Não é porque fomos colonizados que vamos nos permitir ser subjugados por seres que são iguais a nós, mas que assumem o lugar do colono. Ainda mais nesse modelo produtivista, sem limite, que vai colar em uma função narcisista no caso do gestor, e onde esse gestor vai defender esse produtivismo e favorecer um estilo de gestão individualista. Para resistir ao mergulho nessa rede de dominação, penso que às vezes, realmente, só um tratamento via escuta, como já disse, pois é muito forte tudo isso nesse meio onde existe o uso abusivo do poder, da dominação, da opressão, do produtivismo, onde a esteira de produção está no nosso pé.

Quando seguimos o ritmo de uma esteira de produção como se ela fosse um prolongamento nosso, um elemento nosso, como se fôssemos um uma peça dela, padecemos da patologia da indiferença. Essa patologia se desdobra na normopatia, na sociopatia - das quais falarei nos encontros adiante - e em uma série de consequências nos ambientes de trabalho como o assédio moral, a legitimação e a estimulação da violência moral, e consequências também na nossa saúde física e mental. Tudo isso porque esse ambiente de indiferença produzido por esse uso abusivo do poder de uma forma desmedida, excessiva, sem limites com tudo muito excessivo - controle excessivo, poder abusivo, normas, muitas quantificações - coisifica as pessoas, as tratam como números. O ambiente da indiferença é propício à insensibilidade, à banalização do mal, da injustiça social, do sofrimento ético.

NORMOPATIA E SOCIOPATIA

Esse tema, da normopatia e da sociopatia, é bastante complexo mas também muito integrado com o que nós já discutimos, principalmente sobre a questão da colonização, da servidão, da perversão dos modelos de gestão sobre os quais nós também já discutimos. Hoje eu vou ser um pouquinho mais didática no início para depois a gente fazer a articulação com as questões do trabalho. O que os autores têm dito sobre a personalidade normótica e a normopatia?

A primeira questão importante é que a normopatia é uma patologia, então tem um pouco a ver com o que eu já falei da cárie dentária, do saudável, do normal. A normopatia é tratada pelos psicanalistas e psicopatologistas como uma patologia em que a personalidade se caracteriza por sua extrema normalidade. Diz-se que a normopatia é usada para designar certas personalidades que se caracterizam por sua extrema normalidade no sentido de um conformismo às normas tanto relativas ao comportamento social como profissional.

Então existe um excesso de conformismo tanto às normas sociais quanto às normas do trabalho, e aí vai existir uma conformidade excessiva com essas normas, com esses comportamentos. O que se diz na literatura em Psicopatologia é que as personalidades caracterizadas pela normopatia geralmente são personalidades pouco imaginativas. Eu lembrei muito do zumbi, do trabalhador que vai se transformando em inumano. Essa personalidade é pouco criativa e essas pessoas costumam ser extremamente integrados e adaptados à sociedade, se comportando de uma forma muito serena, com desembaraço, não são perturbados pela culpa.

E eu gostaria de enfatizar isso. Na personalidade da normopatia não há perturbação pela culpa. Isso é extremamente perigoso e arriscado em relação às práticas, especialmente de assédio moral no

trabalho, porque sem a culpa a pessoa que desenvolve essa patologia da normopatía. Essa pessoa que desenvolve a patologia da normopatía ela não desenvolve porque ela quer, porque ela decidiu, não é um livre arbítrio mas é uma condição relacionada àquele discurso que eu tratei aqui - colonizante, do modelo de gestão produtivista, em que elementos sociais se integram à história de vida e aos elementos psíquicos de cada um, produzindo essas personalidades normopáticas.

Então há um excesso de conformismo e de adaptação na sociedade e tem dois elementos da normopatía que são muito perigosos em relação aos laços sociais, em relação à ética da convivência humana e em relação aos próprios modelos de gestão que a gente já discutiu bastante. Duas questões: a personalidade normopática não se perturba com a culpa e eles são imunes à compaixão, ou seja, não existe uma compaixão em relação ao sofrimento do outro e ao seu próprio sofrimento. Nesse sentido, a normopatía se articula muito com a questão da indiferença. Essas personalidades acham que existe uma lógica natural de funcionamento dessa sociedade e aí eles não são perturbados pela culpa. E agora eu vou dizer algo mais trágico ainda: geralmente são bem sucedidos na sociedade e no trabalho, por quê? Porque eles se ajustam bem ao conformismo, como quem veste um uniforme. Ou seja, são personalidades que carecem muito de originalidade.

Então eles são pouco imaginativos, como eu como eu falei, e eles têm um pensamento muito operatório, ou seja, eles são muito apegados à realidade ou fatos ou ao que é dito, porque a capacidade imaginativa é pequena, a originalidade é pequena e a tendência a ser uniforme e a se adaptar está fortemente presente. A aderência total a essas normas de comportamento tanto social quanto do trabalho é comum nessa personalidade. Eles têm também uma pobreza de linguagem. Estou sendo didática para gente poder entrar bem no conceito e começar a compreender como que a sociedade ou o discurso, principalmente o

pensamento colonizante, o discurso colonial, o capitalista, colonial, vai produzindo essa normopatia.

Como disse, existe uma pobreza da linguagem e existe o que os autores chamam de asfixia afetiva. O normopata, ou a personalidade normopata, é aquele que não sente, é aquele que tem uma espécie de bloqueio afetivo, é o sujeito que tem uma linguagem pobre, tem essa asfixia afetiva e uma ausência de atividade fantasmática, ou seja, inventiva, criativa. Nesse sentido, o normopata não somatiza, olha que paradoxo. Então fiquem bem contentes de não serem isso e estarem longe disso. Bom, eu fico contente porque eu somatizo muito... e os normopatas eles tendem a não somatizar porque são aquelas personalidades que não têm indignação com o que não é justo.

Então as pessoas que se sentem indignadas com o que é injusto, que têm compaixão com o sofrimento do outro, que se afetam com o que acontece com o outro são as pessoas que tendem a adoecer. São também as que são vítimas de assédio moral, são as pessoas que estão procurando o nosso plantão psicológico porque estão em sofrimento ético. E no meu livro eu escrevi sobre o adoecimento como ato político, ou seja, às vezes é se afastando do trabalho e até adoecendo que o nosso corpo é capaz de denunciar algo que nos indigna, que nos afeta profundamente como seres humanos.

O normopata vai na contramão desse sujeito que é mobilizado, que é indignado, que é o sujeito que fala, que é o sujeito que se afeta, que é o sujeito que é humano. A personalidade normopata não somatiza, então por isso que eu falei “fiquem tranquilos”, porque provavelmente nós aqui não estamos na normopatia, mas eles estão nos adoecendo. Os normopatas são aqueles que podem adoecer os outros porque eles são tão adaptados, excessivamente adaptados às normas, que muitas vezes não consideram o trabalho vivo do outro. Ele não se afeta, ele é conformado excessivamente a essas normas, ele não

somatiza, ele não se perturba com a culpa, ou seja, ele faz o que ele quer e ele não se sente culpado nem constrangido.

Com isso, o normopata é capaz de tudo dentro de um espaço organizacional, por exemplo. Seria aquele que é capaz de tudo com os colegas ou, enfim, com suas equipes. E aí eu vou dizer como que o normopata se transforma no sociopata. É essa passagem que nas situações de assédio moral nós vemos muito. Mas voltando à normopatía, pois ela e a sociopatía são como dois lados da mesma moeda... o normopata ele aparece sem culpa, sereno, totalmente adaptado à sociedade. O sociopata também. Ambos não têm culpa, vergonha nem constrangimento porque eles ficam um pouco com essa patologia, o sujeito desaparece e eles ficam nessa condição muito dissociadas e nessa perspectiva inumana.

O normopata não adoce. Aí é que está o perigo. Ele não se afasta do trabalho. Sem querer ser também pejorativa, mas o normopata é o colaborador ideal, ele é de alguma maneira o operário padrão. Ele ocupa esse lugar de ser padrão, de ser o ideal. De ser esse que é capaz de fazer qualquer coisa para cumprir as normas, para se adaptar aos comportamentos sociais do trabalho que são a ele exigido. Por isso que ele é perigoso, por isso que é uma personalidade perigosa para nossa convivência social e por isso que também ele se encontra na base do assédio moral pois não se perturba com essa culpa. O normopata é aquele que não vai fazer uma somatização, ele não vai sofrer de problemas psicossomáticos.

Mas quais são os problemas psicossomáticos? Praticamente todas as doenças de alguma forma são psicossomáticas mas, por exemplo, as dermatites, as gastrites, as labirintites - as "ites" - são muito enfatizadas nos estudos. São doenças claramente psicossomáticas. Ainda não tem muitos estudos sobre a questão do câncer ter uma relação psicossomática mas, por exemplo, a baixa imunidade para ser acometido por vírus e bactérias, também tem a ver

essa questão psicossomática pois o estresse também está na base da saúde e da doença e é uma das principais causas de baixa de imunidade que pode levar ao acometimento.

Então, imagine o estresse que estamos vivendo agora, que já vivíamos, que continuamos vivendo em relação a todas as questões sociais, econômicas e políticas de história mesmo da humanidade. E também dos nossos traumas infantis, da nossa história infantil. Então aqueles que adoecem não são normopatas. Os normopatas não têm uma psicossomatização dos seus afetos, dos afetos que não são bem tratados. Por que nós somatizamos? Estou falando muito de somatização pra deixar muito claro a diferença, ou seja, a gravidade dessa personalidade normopata. Ela é ameaçadora para nossas relações sociais e, infelizmente, o modelo produtivista, o modelo de gestão atual, cada vez mais estimula e mobiliza esse tipo de personalidade.

Trabalhador, padrão, colaborador ideal, o zumbi, aquele que se adapta, aquele que faz. E aí, qualquer trabalhador que diz: “não concordo, não vou fazer” é chamado de indolente, de mal criado, é visto como alguém que não aceita, que não obedece e a gente tem que ter muito cuidado com isso. Temos de ficar atentos porque autoridade não é igual a autoritarismo, eu já comentei isso muitas vezes aqui. A normopatía como uma patologia é extremamente nefasta e ameaçadora às relações sociais, à ética da convivência humana, porque o sujeito não adocece.

Não estou fazendo apologia ao adoecimento, dizendo que todos nós temos que adoecer, por favor, não é isso! Vamos, inclusive, tentar manter ao máximo a nossa saúde. Mas em relação ao trabalho, que é sempre o meu foco, o trabalhador que adocece ou está em sofrimento não é o normapata, mas provavelmente foi um normopata que produziu esse adoecimento e esse sofrimento nele. Uma personalidade desse tipo, que eu estou trazendo agora. Essa é uma personalidade que se encontra muito na base da disciplina, da submissão e da adesão às

normas sem reflexão, ou seja, há situações de abuso de gestão, de assédio moral ou expressões de violência que vão mesmo aparecer de forma dissimulada nesse contexto, como uma disciplina, como estratégias disciplinares. Não sei se estou conseguindo ser clara.

Existe uma máscara organizacional, a máscara da razão. Uma máscara que é justificada pelo discurso da eficiência e da produtividade. Essa máscara que justifica esse discurso da produtividade e da eficiência também é uma máscara que vai justificar estratégias disciplinares em relação aos trabalhadores. Essas estratégias vão ser aplicadas àqueles que não se submetem, que não fazem adesão ao padrão que está sendo imposto. Esse padrão do qual estou falando é o padrão do operário padrão. E como criar estratégias para resistir, para não ser o normopata? Para não ser esse trabalhador que não suporta a perversidade do modelo de gestão ou de produção e adoce? Um deles é procurar um tratamento ou um atendimento psicológico, pois esses tratamentos não são só para quem tem transtornos mentais, mas também para quem quer se conhecer e se fortalecer e encontrar essas resistências individualmente. A outra forma é o movimento sindical, é a mobilização do coletivo.

A personalidade normopática se estabelece quando existe a banalização da injustiça ou a banalização do mal, que falei quando trouxe a questão da patologia da indiferença. E podemos identificar três características da normopatía. Primeiro, a indiferença. Essa é uma característica forte, a indiferença com o mundo, pois o normopata tem pouco vínculo com a realidade em função de seu pensamento muito operativo. O normopata se liga muito aos fatos, às normas. Então se o gestor chegou e disse “isso é uma ordem”, ele vai e faz. Ele tem um pensamento muito primário, não tem inventividade, criatividade.. Nesse sentido ele faz o mal tanto por omissão quanto por ação. Então o normopata é aquele que vai produzir o mal por opção ou por uma ação que ele vai fazer porque o mundo para ele é distante. Ele não tem afeto.

Ele não sente raiva, medo, insegurança, frustração, ressentimento, revolta, indignação, compaixão, pavor, temor. É a personalidade de quem não sente nada e não sente vergonha e nem constrangimento de fazer atos de maldade. Por isso que eu falei que é tão perigoso para as relações sociais e, se essas personalidades são produzidas no ambiente de trabalho, é extremamente arriscado e perigoso.

A primeira característica é a indiferença e a segunda é a suspensão da faculdade de pensar. O sujeito não pensa mais, é como se houvesse uma suspensão dessa capacidade de pensar, o sujeito não pensa, ele age, ele simplesmente faz aquilo que está dentro da norma, que foi uma ordem. A terceira característica dessa personalidade é a abolição da capacidade de julgar e da sua vontade. O normopata usa essas frases como "todo mundo faz, porque não vou fazer?", "não adianta agir diferente porque não tem jeito", "se eu não fizer, o outro fará". Esses são exemplos de frases da personalidade normopática.

Então, o normopata é aquele que, primeiro, é indiferente ao mundo. Segundo, ele não pensa, ele só faz, ele só executa, ele usa esses recursos estereotipados do discurso dominante. Terceiro, ele perde a sua capacidade de julgar e perde a sua vontade, ele vira um zumbi, um robô. No nível mesmo de ser considerado um operário padrão, de ser considerado esse colaborador ideal. E evidentemente que isso tem uma implicação política enorme porque ele vai ficar à mercê do discurso dominante, e essas personalidades desenvolvem uma cisão, uma clivagem entre o afeto e a ideia, ele não sente nada, ele cumpre ordens e ele sente como uma cisão, é como uma personalidade cindida.

Essa configuração psíquica da normopatia não tem a ver com a normalidade, a normalidade no sentido do que é habitual. Ela tem muito mais a ver com o excesso de adaptação. Trata-se de uma adaptação defensiva no sentido de não se entrar em contato com esses afetos, por isso falei da cisão. Essa característica da normopatia, como

eu dizia, é a incapacidade de sonhar, de fantasiar, porque ele não tem investimento dentro dele, todo o investimento dele, o discurso normativo, é fora. Então é aquele que vai atrás de fatos, vai atrás do discurso. Ele é anormalmente normal, digamos assim, porque não é saudável como eu dizia, é uma patologia. Então, essas são as características principais da normopatia. Por essas características que o normopata pode se transformar nesse colaborador ideal que é capaz de não se afetar com as atrocidades devastadoras do modelo produtivista, do modelo de excelência.

Existe aí um uma lógica perversa da gestão que produz essa normopatia. E esse sujeito é capturado e passa a ter esses comportamentos. Então, com isso a gente faz uma ligação com o que eu venho discutindo, a normopatia e a sociopatia. A sociopatia tem essa mesma base de desafetação. Mas eu diria que o normopata é o que produz o mal por omissão, porque ele é o sereno, muito bem adaptado, tudo está muito bom, tudo ele concorda, tudo ele é faz, ele é dócil. O sociopata é aquele que produz o mal pela ação e não pela omissão

Diria ainda o seguinte: a normopatia é um excesso de normas, de lei, uma adaptação excessiva, enquanto na sociopatia, que também não se afeta, não há culpa, não há vergonha, se recusa a lei. O sociopata se recusa a ter a lei que emite qualquer limite ou possibilidade de limite. Seria aquela personalidade que vai agir de uma forma também sem pensar, sem criatividade, sem afetação, sem culpa, sem vergonha, mas ele vai fazer uma ação de recusa da lei, ele vai fazer o que ele acha que tem que ser feito. Basicamente, a sociopatia e a normopatia são tipos de patologias sociais, tipos de personalidades patológicas, que são fabricadas pelo modelo produtivista e pelo discurso colonizador.

A sociopatia e a normopatia são tipos de personalidade, tipos de patologia, mas não se trata de um adoecimento. Até porque o normopata não adocece, como eu falei. Ele fica bonzinho, presente, bem formal, bem adaptado, operário ideal, colaborador ideal, operário

padrão e, muitas vezes, faz o mal por omissão. E o sociopata faz o mal pela ação, como se vivesse em uma terra sem lei, uma terra sem dono. E e aí se isso acontece nos ambientes de trabalho, se os gestores não assumem a responsabilidade de proteger sua equipe, de cuidar da sua equipe, de orientar, de não oprimir, de não dominar, de não de fazer uso abusivo de sua função de gestor, ele passa a ser muito narcisista, individualista, autoritário e a gente sabe que, de acordo com nossa pesquisa de 2013, no INSS há uma forte tendência aos comportamentos de normopatia e de sociopatia.

Então por isso é muito importante a função do gestor, essa função coletivista da gestão, que a gente também pode um dia também falar sobre isso, que é uma outra função, porque é claro que a gente não precisa demonizar o gestor. Existem gestores que são muito bons, que sabem fazer, que são líderes, que são pessoas que cuidam, que protegem a sua equipe, que orientam, que obedecem a lei, a disciplina e que não são normopatas e nem sociopatas. Mas a gente tem uma boa parte que é normopata ou sociopata, em função desse discurso e desse modelo construído hoje nas organizações.

Então, como eu dizia, o mal que o normopata produz, a maior parte das vezes é pela omissão, e o mal que o sociopata produz é por uma ação de maldade, digamos assim. No caso do sociopata vai haver uma quebra, uma quebra dos dilemas éticos, é o sujeito onde a questão da ética - uma questão muito importante que discutiremos nas próximas falas - é comprometida. E por que isso é grave? Porque a ética pode proteger as relações sociais e o sociopata não tem ética. Nem vou dizer quem é um sujeito nosso bem conhecido aí que a meu a meu ver é bem assim...

Em relação aos desdobramentos que isso pode trazer, tem-se o aumento dos níveis de adoecimento porque somos humanos, então, sendo humanos vamos nos afetar mais, vamos adoecer mais, vamos somatizar mais. Quanto mais normopático o comportamento, quanto

mais sociopático, quanto mais perverso o modelo do capital, do gestor, das empresas, das instituições e das famílias também, das religiões, do Estado, do Governo, maiores as possibilidades dos humanos adoecerem. É maior porque vamos ficar mais revoltados, mais indignados, mais afetados, mais ressentidos, mais decepcionados, com mais raiva. Além de ficar com medo, além de ficar inseguro. Então, haja estratégia de proteção.

Eu estou dando esse exemplo para dizer que se a gente está diante de modelos produtivistas, perversos e de personalidades normopatas ou sociopatas, e se há muitas personalidades desse tipo no INSS, elas vão começar a colocar em xeque aquele trabalhador que está contestando, que não está concordando, que está se protegendo porque não é um normopata. Vão colocar em xeque aqueles que não querem se adaptar ou entrar no conformismo exagerado, excessivo, em relação às normas que forem colocadas. E os sociopatas vão fazer e acontecer do jeito que querem, inclusive massacrando aqueles que não aceitam.

Então é um jogo muito pesado esse no qual estamos. É uma onda, é uma tsunami enorme. Então além da gente ter a tsunami do vírus, da pandemia, das perdas, de tudo que já trouxe até aqui nos nossos encontros, temos esse tsunami em relação a esse modelo de gestão, em relação à quantidade de personalidades normopáticas. Uma sociedade onde tem gente achando que existe essa normalização, achando que tudo vai voltar a ser como era antes e aí se utiliza do trabalho remoto para negar o que mudou e se continua fazendo a mesma cobrança, impondo as mesmas metas. Se você não está conseguindo ser normal, é você que está doente. É o que dizem.

Mas a patologia da normopatía é como a cárie dentária: todo mundo tem, a maioria, mas não é saudável. Então o modelo e os valores hoje, a forma como a sociedade está estabelecida e ligada muito a esse modelo produtivista, ao princípio do consumo, ao princípio da acumulação, ela está nos empurrando o discurso e as vozes que nos

dizem que temos de ser resilientes e suportar, aguentar. Esse discurso que nos diz: seja normopata, tenha cárie e fique feliz com isso, mesmo que isso não seja saudável. Nos empurram para essa normopatia. Então os sociopatas nos empurram para a normopatia, o casamento perfeito. Aí vemos como as personalidades sociopatas são sustentadas pelas personalidades normopatas.

Nesse casamento, os normopatas vão passar a considerar que aquela situação onde existe uma banalização do mal, onde existe uma banalização da injustiça, é normal. E aí temos a personalidade patológica que é dissociada, que não se afeta, que não tem mais nenhum dilema ético, que não é regido por uma lei e que impõe uma disciplina e uma normalidade doente como sendo o padrão de comportamento social. Então esse casamento entre normopatia e sociopatia é muito nefasto e nas empresas ele se manifesta muito nas situações de assédio moral. Geralmente, o assediador é um sociopata ou o normopata, geralmente é aquele que vai massacrar o sujeito que é humano, que é ético, porque ou ele não está adaptado suficientemente às normas e regras ou ele não é um sujeito que vai estar de acordo com as atrocidades que são feitas quando a lei não existe. Então é um terreno fértil para violência, não é? Então violências que podem ser justificadas por esse discurso da eficiência, do resultado, da produtividade, por essa racionalidade.

MELANCOLIA E DEPRESSÃO

Hoje, mais do que fazer um comentário sobre o tratamento da depressão e da melancolia, minha fala vai contemplar como nós podemos fazer algumas marcações no sentido de prevenir que isso aconteça. Vou falar de depressão e da melancolia muito mais com a intenção de buscarmos alternativas de prevenção, principalmente da depressão, que é bastante grave. Vou falar do que chamamos de depressão circunstancial, embora também existam outros tipos de depressão. A depressão é um transtorno de humor que vai tem diversas formas de manifestação desse humor, então a depressão é muito grave.

Às vezes ela é falsamente diagnosticada, hoje tudo é depressão? Calma aí! A depressão mesmo é gravíssima. E a radicalidade da depressão, e que não é um tema que eu estudo muito, mas que tem sido recorrente em relação à depressão, é o suicídio. O suicídio seria essa patologia radical que pode estar relacionada à depressão, mas que também pode estar ligada a questões sociais e ser um ato de denuncia política. Porém, quando a depressão é tão grave, nem essa “vontade” de tirar a própria vida se apresenta porque a doença em si mesmo já é um processo muito auto-destrutivo. Então, eu diria que a depressão grave é um suicídio lento.

Mas hoje eu vou falar de uma depressão circunstancial que é mais vinculada a situações que vivemos, e para isso vou evocar dois conceitos importantes: as perdas e o luto. A partir deles é que vou introduzir a questão da depressão circunstancial e da melancolia. Vou trazer aspectos positivos do luto como forma de prevenção desse tipo de depressão. Vou falar sobre as tristezas, sobre a perda ou a ameaça de perda, sobre ameaças internas à nossa segurança e à nossa integridade. Mas em relação à perda, quando a gente perde existem diferentes graus de tristeza que dependem do valor do que foi perdido.

Por exemplo, quando a gente perde um objeto, a gente fica triste, mas quando a gente perde alguém, esse nível de tristeza é muito mais intenso. Então vou falar de intensidade, o quanto a tristeza é comum a todos nós seres humanos. Todos estamos tristes neste momento porque estamos presos em casa fazendo esse isolamento, porque muitas pessoas estão falecendo pelo COVID-19. Sentimos o que podemos chamar de tristeza social. Sentimo-la em função das várias perdas que tivemos: perda de mobilidade, perda da liberdade, perda do trabalho, perdas econômicas, perdas dos laços sociais e, as mais graves, as perdas pela morte.

A tristeza social é, digamos assim, facilmente substituível. Nós ficamos com aquele sentimento de tristeza, de perda, mas rapidamente substituímos aqueles objetos ou aquelas situações utilizando-se da criatividade para, por exemplo, criar uma nova rotina. Então essa tristeza social, todos nós temos, mas é passageira e, logo, circunstancial. Junto com a tristeza vem o vazio. Ficamos com aquela gastura, aquele vazio. Então esse vazio é que é a tristeza. E aí se ela é circunstancial, você substitui e aí o vazio vai sendo preenchido - mas não é para preencher muito, se não entra na sobrecarga - com outras coisas que vão trazer o quê? Satisfação e prazer.

As complicações começam quando a tristeza social se torna permanente, porque quando não temos mais satisfação, não temos mais prazer com as coisas, ficamos tristes e com isso vem um vazio e, se isso vai ficando frequente, isso vai se perpetuando e aí podemos desenvolver sintomas tanto de ansiedade quanto da depressão. Então uma tristeza prolongada diante de um vazio, se ela é muito prolongada no tempo e na intensidade, a sensação de se sentir vazio começa também a ser a de se sentir perdido, sem chão, sem rumo. E quando isso se perpetua, pode ser desenvolvida a depressão.

A ansiedade é algo que hoje pode ser considerada ansiedade social, é preciso entender, porque ansiedade social todos nós estamos

com ela. Eu vou dizer alguns sintomas para que possamos entender quando ela vira um transtorno de ansiedade, que é um primeiro passo para o transtorno da depressão, por exemplo. Alguns sintomas são a dificuldade de se concentrar, preocupação excessiva - pensando naquela coisa dia e noite, noite e dia, insônia, nervos à flor da pele. A fadiga, o desânimo, aquela vontade só de dormir, pode ser ansiedade e irritabilidade, a tensão muscular, dor em tudo quanto é lugar. Uma sensação de branco na cabeça, dor de cabeça, dor de barriga, náusea, e a sensação de desânimo. Esses são sintomas que vão transformar uma ansiedade social em um transtorno de ansiedade.

Se isso se prolongar, a pessoa pode desenvolver uma depressão, ainda que circunstancial, mas há tratamento para um transtorno de ansiedade e para essa depressão circunstancial. Outros sintomas são a sensação de vazio, de desamparo, de inutilidade, uma certa inquietação que pode ter uma inclinação suicida, que pode ser um transtorno depressivo, mas não é o grave. Mas é um do qual todos nós podemos ser acometidos. Ou seja, é interessante já procurar um atendimento, ou seja, essa é a dimensão preventiva que estava comentando.

Agora eu vou falar das perdas e do luto. O luto é um dos trabalhos humanos mais importantes para nossa saúde. É preciso fazer o luto de tudo, então eu vou dizer como é esse luto e como nós podemos fazer isso. Se a gente pegar uma vara de bambu, ela é flexível, não é? Voltando à questão preventiva, se a gente está com esses sintomas pode fazer uma escuta preventiva, uma escuta psicológica, ou seja, ter um lugar para falar dessas perdas, e aí a gente vai desenvergar, porque isso vai passar. Quando não conseguimos fazer o luto das nossas perdas, podemos entrar em um processo de melancolia, que é um processo que pode agravar ou acentuar um transtorno depressivo. Ou seja, a ansiedade social vira uma ansiedade psicológica que pode virar uma depressão circunstancial que pode virar uma melancolia, e tudo isso junto pode virar um transtorno depressivo grave. Não é como

uma escada, mas é um processo em que, se não houver uma intervenção ou um trabalho preventivo com essa pessoa que está desenvolvendo esses sintomas, ela pode chegar lá no que é mais grave e que pode trazer muitos danos para sua psique, para sua vida social e para o seu corpo.

Como eu dizia, o luto é importante porque ele se relaciona com as perdas, e as perdas fazem parte da condição humana. A nossa primeira perda é a perda do nosso cordão umbilical após nosso nascimento - e todos nós nascemos. Esse nascimento é nosso primeiro trauma. Talvez a depressão seja essa recusa do nascimento para evitar as perdas. Não sei se fui clara. O que eu quero dizer é o seguinte: é possível que a ansiedade, a própria melancolia e a depressão sejam uma recusa às perdas, e aí é uma falta de luto daquilo que não temos mais ou que nunca tivemos mas imaginamos que tínhamos.

O ser humano tem nove meses de possibilidades para viver e claro que quando nascemos já estamos condenados a morrer, porque aí começa a contagem regressiva, é parte da vida isso. É algo que é difícil, é duro, mas se nós não nos apropriarmos, não fizermos assim uma discussão, uma elaboração sobre isso, tudo isso vai entrando para dentro da gente, vai entrando para dentro da cabeça, vai entrando dentro do coração, vai entrando dentro do corpo e a gente começa então a desenvolver uma série de doenças porque a gente fica em uma recusa, em uma negação, fica achando que nunca perdeu nada, que nunca vai perder, isso não é bom, isso se chama onipotência.

A onipotência é algo muito relacionado à depressão e à questão do luto, porque nós seres humanos somos seres tão onipotentes... Primeiro que a gente quer ser Deus, quer adivinhar, fazer, resolver, salvar, criar. Então a onipotência, se relaciona com um conceito que se chama narcisismo. Nós temos uma coisa ligada a essa recusa. Nós queremos nos sentir deuses, imortais, onipotentes, onipresentes e oniscientes. Isso é Deus. Nós não somos isso e diria que quanto mais

nós queremos ser isso, mais alta é a queda, porque a depressão é uma perda de uma ilusão de que você era alguma coisa, que nós chamamos de Eu ideal, que você imaginava que você era uma coisa que você não é.

O ser humano é tão “perfeito”, olha que paradoxo, mas é o único que precisa do outro para não morrer quando nasce. O nascimento é uma perda, perdemos nossa ligação com aquela comidinha do útero, e esses são restos que ficam como perdas no nosso imaginário, perdas irrecuperáveis. Isso é o que em Psicanálise se chama de falta. Nós precisamos da falta para ter nossa saúde mental boa, pois nunca vamos recuperar esse estado de plenitude que o útero um dia nos deu, e nunca vamos recuperar aquilo que perdemos no nascimento. Então, para começarmos a sair da onipotência, que vira arrogância, que vira prepotência, que vira falta de humildade, que vira egoísmo, é preciso uma certa ética.

Conhecemos no mundo do trabalho pessoas que se acham inatingíveis, que se acham superiores, que nunca vão ser atingidas por nada, essa é a maior ilusão do ser humano. Então esse é o primeiro luto que nós todos temos que fazer, nós não somos uma Ferrari, nós somos um fusquinha. Nós somos mortais, nós temos limites, a gente precisa do outro para nos complementar no que a gente não sabe. Ou seja, quanto mais a gente fica nessa postura idealizada e onipotente, mais a gente desaba quando a gente sofre uma decepção ou quando a gente está em uma situação de risco. Por isso que eu estava falando de queda, porque quanto mais subir, maior será a queda. A vida nos coloca em situações sobre as quais não temos controle.

Tudo pode acontecer com qualquer um de nós. Quanto mais ilusão, quanto mais fantasia, quanto mais onipotência, maior será a possibilidade de que essa tristeza nos atinja de uma forma mais feroz. Então nossa primeira perda é esse lugar de plenitude. Começamos a perder quando nascemos. A gente perde quando se muda, perde os amiguinhos na escola, perde a bicicleta, perde uma caneta, perde a

hora. Também temos perdas subjetivas como a perda da liberdade, do espaço de fala, das possibilidades de dizer o que pensa. Isso é uma questão muito séria hoje no trabalho, que é a questão do mudo/surdo, onde a gente fala e não tem ninguém para escutar, a gente fica, às vezes, cansado de falar e parece que o que a gente fala não é escutado. E aí a gente não consegue fazer, elaborar nenhuma demanda, então nesse jogo do surdo/mudo tem a ver com essa questão que eu estava tratando.

Agora quero introduzir a melancolia. Tenho estudado bastante o sujeito melancólico, aquele que se sente mais morto que vivo. Sei que vocês já ouviram isso, principalmente no trabalho. Um sentimento de mais morto que vivo em função muito da máxima “trabalhe e cale-se” onde o sujeito não é nada. Aqui você não é nada. Então eu escuto muito isso dos pacientes que atendemos na Universidade de Brasília. São pessoas que viveram situação de assédio moral no trabalho e que se sentem massacradas por esse “trabalhe e cale-se”, por esse um sentimento de inutilidade, de desvalorização muito grande que gera um vazio que é insuportável porque você tem o seu ideal do eu, você tem a sua autoimagem, a sua autoestima e, quando alguém de fora, no caso do trabalho, vem e tira isso, ou seja, diz que você não vale nada, então lhe desqualifica. Essa é uma perda enorme do nosso próprio narcisismo, da nossa própria auto imagem tão necessária para nossa sobrevivência como sujeito.

Então essa é uma outra situação, que é a melancolia, esse mais morto que vivo. Eu diria que hoje a gente tem mais casos do que tenho chamado de melancolização. Ou seja, não é como um transtorno, como uma doença, mas é um estado de espírito. É um estado de espírito, é um estado mental, um estado psíquico, uma forma de funcionamento, um jeito de ver o mundo, de se comportar, que é mais morto que vivo, se sentindo mais morto que vivo, sem a energia para investir nos

objetos, nos objetivos, no que quer fazer e sem o ânimo, a esperança ou essa energia para persistir, para perseverar. É uma forma de desistência. Uma recusa de qualquer que seja a situação que pode provocar uma perda.

Então, muitas vezes nós seres humanos fugimos de qualquer situação que possa nos fazer lembrar o trauma de perder alguma coisa - ou pessoas. Agora vou falar um pouco também no caso da perda de pessoas. É muito importante fazermos o luto, esse trabalho psíquico que todos os seres humanos são capazes de fazer. Todos, independente de idade, se estudou, se não estudou, é da condição humana. Todo ser humano teve perdas essenciais desde o momento em que nasceu, todo o tipo de perda.

Então, diante da perda, para evitar a perda, existe uma negação, uma recusa de qualquer tipo de vínculo afetivo com pessoas ou com objetos. E para quê? Para evitar a perda. Para eu não sofrer, para não doer em mim o que eu vou perder, nem vou atrás, nem vou me juntar, nem vou querer. Então é mais ou menos nesse sentido que eu estou falando. O luto é muito importante. Era aí que eu queria chegar com essa parte preventiva: o trabalho do luto como ação preventiva. O luto não é uma coisa assim que acontece em um clique, como uma mágica. É um trabalho. E é trabalhoso porque, para que ele exista, é preciso entrar em contato com o que foi perdido - seja um cargo, um trabalho, a atenção de alguém, alguém que você gostava, alguém que foi embora, que faleceu, qualquer perda, das mais simples às mais complexas. O luto tem a ver com essa possibilidade de fazer um trabalho para curar a ferida.

Vamos dar aqui um exemplo da questão de uma ferida. É preciso entrar em contato com ela porque se você fica colocando band aid em uma ferida qualquer, como uma unha encravada, que não se cuida assim, o que é que vai acontecer? O que acontece se você evita tratar porque não quer que doa? Às vezes, criança tem isso, né? “Bote não

porque vai doer aqui. Quero não. Vou botar não, não quero não porque vai doer”. Vai doer, claro, se não doer, não vai curar. Esse é o paradoxo do luto. Se a gente não entrar em contato com aquilo que dói, e falo aqui das dores do coração também, esse trabalho não é possível.

Então colocar band aid em todas as dores não é a melhor saída, pois isso vai se desdobrar em vários problemas sobre os quais eu já falei, problemas psicossomáticos das mais diferentes ordens, ansiedade, melancolia, depressão. E o trabalho preventivo do luto envolve se questionar que ferida é essa. Se a gente pensar na unha encravada, se formos um pouco mais longe nessa analogia, seria como se perguntar o que causou uma unha encravada. Foi um sapato apertado? Isso vai nos informar sobre que escolhas estamos fazendo e que métodos estamos encontrando. Freud falava em técnicas de viver. Que técnicas de viver nós estamos buscando?

Que técnicas de viver? Nos medicar? Cortar a unha de um jeito que não era para cortar e depois ela encravar? Colocar curativo na ferida para não ver o que está ali por trás da ferida? Porque o luto é isso. É você olhar aquela ferida de frente, e por isso que é trabalhoso. É trabalhoso porque dói, mas é a dor que cura. Então é o paradoxo. Então, a primeira forma de fazer o luto é falar sobre o que se perdeu. Falar sobre o que se perdeu é a grande forma, dentro dessas abordagens que eu estou trazendo aqui para vocês, de fazer o luto. Sair da negação de que houve alguma perda.

Essa questão do luto é, de certa forma, viver a transitoriedade. Lembrei da música do Lulu Santos, “Como uma onda no mar”. Aproveitar para trazer uma coisa mais poética e não ficar muito pesado hoje. “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia”. A vida é como uma onda no mar. Nada será igual em nenhum sentido, em nenhuma história, em nenhuma relação, não só em relação ao COVID-19, não só em relação à pandemia, não só em relação ao isolamento e

todas as crises econômicas que nós estamos enfrentando. Trata-se de uma circunstância da vida.

Quando fazemos o luto, esse trabalho de falar sobre essa dor, de falar sobre essa perda, de entrar em contato com ela, lembramos das riquezas do que foi perdido, pode ser de objeto ou de pessoas. Descobrimos que as riquezas do que foi perdido não deixam de existir, nem a riqueza, nem a beleza e nem a essência do que foi perdido deixa de existir. Isso é fazer o luto. Reconhecer o luto como um trabalho humano é importante, o luto é uma rebelião contra um fato consumado, que é a morte.

E é uma forma de nós seres humanos escaparmos dos poderes de destruição, porque vivemos as perdas como ameaça, como se, não tendo mais aquilo que se perdeu, estaremos destruídos. Diante disso, o luto nos diz que o fato é consumado mas que não estamos destruídos. Temos um trabalho pela frente, nesse sentido de buscar a essência e a beleza do que foi perdido e substituir, transformar esses objetos e transformar essa situação fazendo novos investimentos, buscando novos caminhos e novas formas de vida. Buscando novas formas de encontrar sua satisfação.

O luto é uma rebelião no sentido de não se deixar mortificar, pois a melancolia é quando morremos junto com aquilo que perdemos, quando parece que o que perdemos ficou dentro de nós. Então, um segundo momento do processo de luto é separar o que foi perdido de nós, entender que somos seres separados do que foi perdido porque se me identifico com o que foi perdido eu também morro, eu me mortifico, eu também vou me destruir. Então, são esses dois elementos importantes do luto como forma de prevenção das situações de ansiedade e de depressão. É preciso reconhecer que a ferida existe, encarar ela, não colocar um curativo pra tapar, mas sim falar e colocar o remédio que vai de fato curar a ferida. E, quando a ferida é curada, a gente fica com uma marca. Eu pelo menos tenho marca de queda.

A essência do luto é que o que teve de bom ou o que foi belo naquilo que foi vivido, experimentado, não se perde com o fim da cicatrização, não se perde com a cura ou não se perde, principalmente, com os investimentos nos outros objetos. Eu sei que é complexo quando pensamos na situação de trabalho, de desemprego, do trabalho remoto, de todas as pressões que nós estamos vivendo. Como fazer o luto? É não imaginar que a vida vai ser igual e nem que vai voltar tudo como era antes pois isso é um processo de negação. Precisamos reconhecer que tivemos uma perda para que essa perda seja tratada, elaborada, discutida, falada. Só aí a beleza do que já foi não será perdida. Através da transformação.

É uma energia que precisa ser transformada para que não nos mortifique, porque a mortificação, que é mais morto que vivo, que é a melancolização, pode levar à depressão e a depressão pode levar a todos aqueles danos que já mencionei. Então, uma forma é falar no sindicato, um espaço de discussão para falar das perdas, debater e discutir esses lutos. O plantão psicológico é outro espaço. Aqui nessas palestras não temos tanto tempo, mas é um espaço também se alguém quiser fazer algum comentário. Outras possibilidades de falar sobre isso existem. Mas se não tem essas possibilidades, ter um atendimento psicológico pode ser uma forma de falar dessas perdas, desses traumas e de fazer esse luto. Então eu até diria que o processo de psicoterapia, ou o processo de análise, ou o processo de ajuda psicológica é fazer o luto, é ajudar as pessoas a fazerem o luto de todas as perdas desde o cordão umbilical e da placenta até as atuais, reais, porque se não fizermos esse luto ficamos mortificados, ficamos destruídos, ficamos mais mortos que vivos.

III

Ensurdecimento do canto da
sereia

CORAGEM DE SER E DE VIVER

A coragem é um tema da filosofia, não é tão estudado pela psicologia, que é a minha área, mas eu achei importante falar sobre esse tema pois vou articulá-lo com o tema da servidão voluntária, da qual já falei anteriormente. Estou trazendo aqui a coragem como o contraponto da servidão voluntária, assim como forma de pensar algumas possibilidades filosóficas e éticas das quais vamos falar nos próximos capítulos. Já falamos aqui de diversos impedimentos da nossa ação, impedimentos para nossa existência no mundo, especialmente nas relações de trabalho, onde há todos os impedimentos ligados aos modelos de gestão que eu já comentei. Pensei também em tratar a coragem pensando nos profissionais de saúde, que muitas vezes são cobrados e demandados a serem verdadeiros heróis.

Queria tratar um pouco o que é ser herói, quais são os efeitos que o heroísmo produz na subjetividade, na saúde, e como a problemática da coragem pode nos ajudar a, do ponto de vista político, pensar novas formas de agir sobre a realidade ou sobre as adversidades. A primeira questão que eu gostaria de trazer sobre a coragem é que a coragem tem relação direta com a ação, o fazer, o agir. Então, ela se articula com um agir e esse agir - é importante fazer uma ressalva - entre a vida intensa e a vida intensiva, sempre inclui um risco. O risco está sempre ameaçando a coragem do ser pela coragem do não ser e ela sempre vai implicar esse risco.

Então, diante de uma ação, diante de um ato frente ao agir sobre determinada situação, nós temos a coragem de ser e de viver ou nós não temos essa coragem, mais ou menos nesse raciocínio que eu queria seguir. Ter coragem para viver uma vida intensiva é ter coragem ou é não ter coragem? Essa é uma pergunta filosófica à medida em que essa vida intensiva é a vida que o mote de produção capitalista nos impõe: acelerada, ultra acelerada, obediente, conformada, passiva. Valores e

formas de vida que o modelo social que a sociedade tem nos imposto de alguma maneira no modelo liberal, no modelo produtivista.

Diferente da vida intensiva, a vida intensa é a vida onde é possível contemplar, onde é possível experienciar, viver a experiência. Então vou dar um exemplo simples ligado às redes sociais: o hábito hoje de filmar tudo. Algum de vocês já deve ter passado por isso, e é algo que se liga a essa sociedade do espetáculo, a espetacularização dos produtos, dos serviços, das pessoas, da imagem, do corpo que nós já vimos aqui. Não sei se alguém já teve essa experiência de estar fazendo um passeio, na praia, na cachoeira, fazendo uma caminhada, vendo os pássaros cantando... Na hora em que nós paramos para filmar, perdemos o contato com a experiência, aquela que passa pelos nossos cinco sentidos.

Então, qual é a diferença entre o fazer ou ter o ato corajoso para viver uma vida intensa e não intensiva? O discurso e a sociedade muitas vezes nos fazem crer que ter coragem é ter uma vida intensiva, é ter uma vida ultra acelerada, de muitos fazeres, de nunca parar, de sempre estar atendendo, sempre estar respondendo, sempre estar agindo. Mas o que estou colocando em reflexão hoje aqui é a coragem do ser do ponto de vista da filosofia e dos efeitos benéficos para nossa saúde, nossa subjetividade. É a coragem de viver uma vida intensa, uma vida onde é muito diferente você filmar uma comida e você comer. A experiência jamais pode ser contida em uma fala, em um filme, porque ela é algo que é vivenciado pelo sujeito e que, por mais que você grave, por mais que você fale, não representa o que de fato você sentiu e experimentou.

Essa introdução é para contextualizar a coragem da qual quero falar. A coragem de ser e de viver uma vida intensa e que se opõe a uma vida intensiva - essa última, vinculada ao produtivismo, aos modelos e meios de produção capitalistas que nos exigem ser super heróis. E é nesse ponto que quero chegar: ser “herói”, “super herói”, e se sacrificar

de determinadas formas não significa ter coragem. Ser corajoso é, acima de tudo, reconhecer os próprios limites - os seus, do seu corpo, seu limite com relação a uma ação. É uma questão da ética da convivência humana. Então sair por aí fazendo atos arriscados, considerados heróicos, em nome de viver uma vida intensiva e sem levar em consideração os outros não se trata de agir com coragem. Esse é um ponto fundamental da minha fala.

É nesse sentido que podemos pensar no adoecimento como ato político. Na radicalidade, podemos dizer que o trabalhador que adocece ou se afasta, esse sim é o verdadeiro herói. É ele quem tem coragem, embora não seja a melhor saída, de assumir os seus limites e suas limitações. É ele quem tem coragem de reconhecer, aceitar e considerar os limites do outro. Isso é ter coragem, isso é viver uma vida intensa, com base na experiência, com base na construção do laço social. É nesse sentido que a coragem implica racionalidade. Geralmente, concebemos a coragem como algo que não se pensa. Mas não é dessa coragem que estou falando. Estou falando da coragem como algo que tem uma certa racionalidade que implica em duas características: a autoafirmação e a autopreservação.

Autoafirmação e autopreservação significam que o ato corajoso prescinde de uma racionalidade do discernimento dos riscos. Discernir os riscos que vão produzir ou não uma autopreservação e, ao mesmo tempo, entender e discernir esses riscos para se autoafirmar no ato, fazendo algo em que se acredita ou algo que se deseja. A coragem envolve essas duas dimensões. Então, não é simplesmente se jogar. A gente escuta falar isso, que o que se joga, esse sim é o corajoso pois se arriscou, fez, pulou, decidiu, resolveu. Mas, no fundo, esse é o herói produzido pela sociedade capitalista. Um herói social que também se articula com o operário padrão, o operário feliz, E como dizia Marx: ser um trabalhador produtivo não é nenhuma felicidade.

Então esse ser trabalhador produtivo, ser humano produtivo, ser humano acelerado, ser humano da vida intensiva, ser humano do tudo pode, do tudo sabe, do tudo faz, sem limite, sem consideração do outro - que é uma posição narcisista, onipotente muitas vezes - é que é considerado, em nossa sociedade, como ser corajoso. Mas a coragem é um valor que está diretamente ligado à ética. Então esse que se lança no canto da sereia ou esse que vive essa vida intensiva e que é capaz de qualquer sacrifício para conseguir o que quer não é o sujeito que vive, não é o ser da coragem. Esse é o sujeito da servidão voluntária, da obediência, com uma certa dose de normopatía, que vive em conformidade com os meios de produção social e muitas vezes vive em conformidade com esse meio social de produção capitalista. Mas, novamente, é preciso lembrar que a coragem envolve autopreservação e autoafirmação.

Bom, outra ideia que eu queria trazer em relação à coragem é a liberdade. Ter coragem de ser livre, é fazer o que você quer, é fazer o que você pensa: 'ah, fulano é muito corajoso, ele é capaz de fazer coisas que jamais ninguém imaginava, que ninguém seria capaz de fazer". Isso também é um equívoco social pois a nossa liberdade sempre é limitada pela liberdade do outro enquanto no espaço democrático a gente viver. É uma questão importante porque na nossa sociedade é imposto a performance do bem-estar onde você tem que estar sempre bem, sempre alegre, feliz. Por isso Marx falava que não há felicidade em ser produtivo, em ser o operário padrão. Então essa ânsia de fazer, de agir e de se mostrar de uma forma mais heroica como sendo capaz, sendo único, na verdade é uma forma de ser anti-herói porque o herói vai considerar a autopreservação na hora de fazer um ato de coragem.

Outra ideia muito próxima também dessa questão da coragem é a questão da prática. Muitas vezes isso acontece no ambiente de trabalho também ou em qualquer ambiente onde o sujeito tem muitas ideias mas não as coloca em prática. A coragem sempre vai ter a ver

com ato, com prática, com fazer. Não adianta só ter boas ideias. A coragem de ser e de viver tem a ver com ação, com fazer, com ato. Não é só ter boas intenções, não é só ter discurso de enfrentamento de riscos, de enfrentamento de adversidades, um discurso de coragem, sendo que não tem nenhum ato que represente essa coragem. Também é nesse sentido que isso não é considerado coragem. Outra dimensão também comumente associada à coragem mas que não tem a ver é a questão do sacrifício. O sacrifício não se articula à coragem. Ele se articula ao falso heroísmo, a esse modelo de heroísmo que a sociedade às vezes impõe. Outro elemento que não tem a ver com coragem é a obediência cega.

A obediência, como no caso do normopata, não permite a coragem ou a vida. Baseada nessa ética da coragem é que se pode fazer atos e confrontar ameaças, riscos, injustiças de uma forma racional através de atos e ações. É como a gente vê no trabalho político a enormidade de pessoas que têm a coragem de confrontar, de debater, de se colocar, de insistir, e persistir. É diferente desse sacrificado herói que muitas vezes se torna vítima e entra em um jogo de vitimização apresentando o seu sacrifício como moeda de troca para conseguir o que quer - “ai, eu me sacrifiquei muito, eu perdi tal e tal, eu sou um herói” - e é nesse sentido que eu estou falando que esse não é o ser da coragem. A coragem é o enfrentamento dos riscos, mas como enfrentar os riscos?

Viver é um risco. Por isso que a coragem se articula com a questão do ser. Trata-se de uma questão ontológica, pois é uma questão que faz parte da nossa condição humana, pois é uma forma racional e ética de confrontar o risco. Se diferencia de uma forma irracional, impulsiva, intensiva ou socialmente produzida que é o sacrificado, o herói, o que faz tudo, que é isso que eu estou dizendo que não é coragem do ponto de vista da existência. Essa racionalidade da coragem é construída através de confronto e entendimento de qual é o

seu desejo, qual o desejo do outro. Ou seja, envolve uma confrontação e, conseqüentemente, um espaço democrático de discussão.

Essa racionalidade que a coragem tem como forma de enfrentamento de risco é, em um certo sentido, fruto de um espaço democrático. Ou seja, onde não há espaço para confrontar, para discutir, para construir coletivamente os entendimentos diversos e o próprio desejo, não há como ter coragem como forma de vida. O que vai imperar nesses lugares é a servidão voluntária. A conformação é a facilidade, é a obediência cega, é a patologia da indiferença, é a patologia da normopatía. Então o que se opõe a uma porção de coisas que eu já falei aqui como, por exemplo, a servidão voluntária ou a normopatía, é a coragem. Qual é a forma de enfrentar os riscos todos que nós estamos correndo do desemprego, da crise econômica, o risco mesmo ligado a nossa saúde? Com coragem. E essa coragem é baseada na autopreservação, na autoafirmação do seu desejo. Então qual é o meu desejo? Como eu posso me afirmar, como eu posso me autopreservar?

A coragem é uma construção em um certo sentido subjetiva. É uma forma de enfrentamento que apresenta uma eficácia porque ela implica a consideração do outro, implica um coletivo, implica um espaço democrático, ou seja, implica uma reunião para discutir os riscos e para discutir como vamos enfrentar o risco. É aí que se instaura a coragem como valor que se opõe também a uma alienação e ao absolutismo. No espaço onde existe um poder absoluto os atos de coragem não são permitidos. Ao invés disso, são privilegiados os atos de sacrifício, de subserviência, de conformação para enfrentar as adversidades. Então, onde há esse poder absoluto, o poder tirânico, há alienação e a alienação produz como comportamento o conformismo. É aquela velha frase: “aqui a gente não pode mudar nada, aqui sempre foi assim, aqui funciona desse jeito, essa situação sempre foi a mesma, não vai adiantar eu fazer isso, fazer aquilo”.

Você já deve ter escutado isso nos espaços de trabalho. É um sinal de que nesse espaço de trabalho a coragem não é uma forma de enfrentamento, mas sim o conformismo, a obediência ou o sacrifício: “ai, eu vou me sacrificar, vou trabalhar até não sei que horas”. A coragem, nesse sentido, não é um ato de coragem presente aí. Como já mencionei, o enfrentamento das adversidades, do risco, quando feito como ato de coragem, a coragem de ser, requer a discussão, o entendimento de forma racional para, aí sim, partir para o agir, geralmente um ato político. Político não no sentido partidário ou sindical, mas político no sentido de que é um ato que se originou de um espaço democrático de discussão e de uma racionalidade, que permitiu ao sujeito avaliar esses riscos, analisar esses riscos considerando a sua autopreservação, a autopreservação do outro, a sua possibilidade de se afirmar como ser. É isso que faz o ato de coragem. Então, o que a gente observa muito na nossa sociedade é também uma confusão entre coragem e bravura.

A bravura e a coragem não são a mesma coisa, ou seja, tentar resolver ou tentar enfrentar os riscos com bravura pode aumentar mais ainda o risco. Na guerra, na trincheira, usar sua bravura - que tem a ver com a essa ideia heróica de ficar no front de uma guerra onde a sua arma é muito mais frágil do que a arma do inimigo - isso não é coragem, isso é bravura. Isso é uma outra forma de agir diante desse inimigo ou dessa ameaça ou desse risco. A coragem é dar dois passos para trás para dar um passo para frente. É dar esse passo para trás para se reunir com seu batalhão e redefinir sua estratégia. O ato de coragem surge nessa criação de estratégia a partir desse passo eletivo, pensando em uma situação de guerra, que envolve uma discussão e o desenvolvimento coletivo de uma uma estratégia a partir de uma racionalidade. E aí sim, claro, se alguém se expor a esse risco, essa ameaça, e não der certo, é a vida. Mas o ato de coragem é recheado por essa racionalidade, pela razão.

A ideia de “vamos todo mundo pegar as armas, enfrentar o inimigo, todo mundo de peito aberto” se relaciona mais com a bravura. Quem não vai de peito aberto é covarde? Não do ponto de vista da coragem que estou abordando aqui. Me ocorreu agora outro exemplo, o dos profissionais de saúde, verdadeiros corajosos e heróis no sentido da coragem que estou abordando pois, na maior parte das vezes, agem pensando na preservação do outro, na cura, na saúde do outro. Mas tem que ficar atento para que essa coragem de enfrentar as precarizações das condições de trabalho no hospital não desprezasse a autopreservação. E aí surge uma questão: como me autopreservar em um modelo capitalista, produtivista? Lembrei também dos trabalhadores da Caixa, que foram os responsáveis bancários pelo pagamento desse auxílio que o Governo ofereceu, e o dilema que muitos deles enfrentaram, assim como os profissionais de saúde e o pessoal do INSS.

É por isso que estou defendendo a coragem de ser e de viver como formas de enfrentar os riscos e as ameaças e, para isso, é importante o coletivo de trabalho, os laços sociais, a democracia, o espaço de discussão, o entendimento dos seus desejos, o entendimento da sua ação, a compreensão de quais são os riscos envolvidos, quais são os discursos que se fazem sobre esses riscos, quais são os medos que são plantados, quais são as fantasias que são criadas. É preciso uma análise profunda dessas ameaças de modo democrático e coletivo, construindo as estratégias para poder ter o ato da coragem. O movimento sindical também teria essa função, mas hoje vivemos muitos problemas de desestabilização dos coletivos, nós ficamos carentes de coragem. Nós estamos carentes de verdadeiros heróis e estamos cheios de falsos heróis, é essa minha percepção.

Nesse ato de coragem que defendo, ele não projeta uma idealização onde só os heróis são portadores de coragem. O que eu estou querendo dizer é que a coragem, como categoria ontológica, faz

parte da nossa constituição como seres humanos, todos nós temos. Ou seja, todos poderiam ser heróis, nesse sentido que estou falando, um filme interessante para discutir isso é o último filme do coringa. Podemos considerar que ali há ato de coragem? O que a gente pode considerar obediência, servidão? Quem é o herói ou o anti herói? Existe uma glamourização em cima da figura do herói, em que bravura e heroísmo se confundem, como eu dizia. Se a gente pensar nos super heróis dos filmes - homem aranha, batman e super homem - eles têm uma glamourização, existe um maniqueísmo do bem e do mal, como se o herói só tivesse o bem, o herói sempre alegre, o herói sempre feliz, sempre bonito, ele é sempre forte e ele é sempre corajoso.

Mas a coragem de ser não se articula com essa glamourização, com essa espetacularização, com essa fantasia, com essa coisa de é tudo positivo, de é tudo lindo, de é tudo belo. A coragem é trabalho. Ser corajoso é muito trabalhoso porque pensar na sua autoafirmação e na autopreservação e na preservação do outro, articulando isso de forma ética no sentido de compreender o que o seu ato vai produzir enquanto efeito de enfrentamento de um risco e de uma ameaça é extremamente trabalhoso. Exige o trabalho de pensar, porque a razão significa pensar, ser razoável, significa ter uma razão ali que é construída, e isso é muito importante. Insisto na coragem como uma estratégia de enfrentamento onde é preciso a construção de um espaço democrático onde os diversos desejos possam ser confrontados, entendidos através de uma racionalidade para que então exista um ato de coragem, para que se tenha coragem de ser e de viver. Essa perspectiva vai na contramão desse super-herói glamourizado dentro do modelo produtivista e do trabalhador padrão e da própria normopatia.

A ideia do herói glamourizado, construído socialmente, tem a ver com essa bravura eficiente de “vou, faço, vou fazer agora”. É, nesse sentido, recheada de narcisismo. Então quando o sujeito se lança num ato heróico ou de bravura, que não é coragem, para se vangloriar,

quando ele faz alguma coisa que apresenta como se ele estivesse fazendo pelo outro mas ele está fazendo por si mesmo, ele quer mesmo é ter a medalha, as glórias, porque se trata aí de uma posição narcisista. Então temos de ser anti-heróis, contrariando o social que nos fala. Para ter coragem de viver e de ser nós temos que ser anti-heróis, ou seja, humanos, falíveis, com limites, com preocupações com a nossa autopreservação, com a autopreservação do outro, com os nossos desejos, com as nossas vontades.

E com o exemplo que já mencionei antes, dos profissionais de saúde. Eles são muito exigidos a serem esses heróis e, com isso, sofrem e às vezes adoecem. Com isso se arriscam muito porque a autopreservação é desconsiderada pois, o que é exigido é diferente do verdadeiro ato de coragem. Outro exemplo que eu gostaria de dar tem a ver também com a discriminação, bem ilustrado por uma pesquisa muito antiga presente do livro *A Loucura do Trabalho*, de Christophe Dejours. Em sua pesquisa com operários da construção civil, ele fala sobre o risco de se subir no andaime sem equipamento de proteção individual, sem condições apropriadas de trabalho, ou seja, o risco de acidente. E, frente a isso, às vezes para subir sem as condições de trabalho necessárias, muitos recorrem ao álcool para enfrentar o risco. Mas para além da questão do enfrentamento, a discriminação surge com relação àqueles que não querem subir no andaime nessas condições precárias. Esses são considerados covardes, medrosos, e são excluídos pelos próprios colegas.

Nessa pesquisa, esse que não sobe não tem coragem. Aquele que diz “eu não vou subir porque eu não quero arriscar a minha vida tendo um acidente e caindo lá de cima”, esse sim é o corajoso, o verdadeiro herói, porque ele está considerando a autopreservação assim como a preservação dos outros. Além disso, ele está se auto afirmando, dizendo que não vai se submeter a esse risco que pode gerar um acidente e mesmo levar à óbito. Ele se recusa a se envolver por essa ideologia de

virilidade em que é preciso “ser macho”, beber para enfrentar os riscos. Fica bem claro que a virilidade é o oposto da coragem da qual estamos falando. Essa defesa, ou forma de resistir, é legitimada socialmente como coragem mas não é uma forma muito inteligente de enfrentar os riscos. A virilidade tem mais a ver com bravura, com onipotência. Com o herói produzido socialmente, e não com o herói que tem coragem de ser. O herói da coragem de ser tem uma racionalidade para o enfrentamento do risco.

Mas uma boa parte dos trabalhadores sobe no andaime mesmo sem condições. Sobe por questões de sobrevivência, pela servidão voluntária, em função da colonização, pelo canto da sereia, pelo medo de ser punido pelo Grande Outro, pelo medo de ser punido pelo chefe, pelo medo de ser discriminado, pelo medo de não ser aceito, pelo medo de não ser reconhecido, pelo medo de ser chamado de incompetente, de covarde. Além disso, é uma sociedade patriarcal, machista e conservadora. Então o trabalhador vai lá e sobe. Arrisca sua vida para não sofrer essas consequências ou retaliações que enumerei. Então nesse sentido, a virilidade não é um ato de coragem. Porque o ato de coragem seria afirmar “não vou porque eu posso cair e só vou se tiver equipamentos. Nem eu nem meu colegas vamos subir sem equipamentos”. Esse é o herói. Esse é o ato de coragem.

Mas a coragem não é isolada. Tem que haver o grupo, o coletivo, a discussão da estratégia do fazer. Essa discussão, das razões pelas quais se propõe ou não fazer o enfrentamento do risco, e que é feita no espaço democrático é que cria os verdadeiros heróis. Aquele que vai ter a coragem de ser e de viver onde há autopreservação e não a partir de uma posição de virilidade. A virilidade não é uma boa forma de enfrentamento do ponto de vista psicológico pois o sujeito parte do pressuposto de que tem um poder absoluto e de que é inatingível. E com isso são feitos sacrifícios para realizar o trabalho. Realizar o

trabalho a despeito de qualquer coisa. A coragem não acontece “a despeito de”, acontece “com respeito a”. É fundamental a aceitação dos limites para o ato de coragem. O verdadeiro herói aceita seus limites.

Além disso, a coragem tem a ver com persistência. Insistir e persistir no seu desejo, no que você quer, no que você acredita que seja bom para você e para os outros. Ter coragem é não desistir, não desistir e não entregar o seu desejo, os seus valores, na mão de tudo o que eu já falei até aqui: dos tirânicos, dos opressores, dos dominadores do modelo de gestão produtivista, dos meios de produção capitalista, da vida acelerada, da vida intensiva. Insistir no que é bom não no sentido moral, mas no sentido do bem comum. A coragem não está dissociada do bem comum - isso inclui a família, os colegas, os sindicatos, as empresas ou a sociedade como um todo. Então, a coragem de ser e de viver é a coragem de enfrentar as adversidades, as ameaças, os riscos de acordo com o que você considera que é justo, que é certo, que é para o bem comum e sempre se manifesta em ato. A coragem é sempre ação, não apenas intenção, afinal, de boas intenções o inferno está cheio.

ÉTICA E CONVIVÊNCIA HUMANA

Hoje eu gostaria de desenvolver mais as ideias sobre dilemas éticos e sobre o sofrimento ético relacionados ao trabalho. Mas antes de falar sobre eles, vou falar de algumas ideias mais gerais de ética, enfatizando duas características importantes da ética. A primeira é que a ética diz respeito ao que é bom. Existe a dicotomia entre o bem e o mal, e para agirmos de forma ética, então, é preciso fazer escolhas do que é bom para nós e o que é bom para o outro. Essa é uma definição geral, filosófica, do que é a ética: a ética preserva e cuida do que é bom para si mesmo e do que é bom para o outro. Mas como podemos definir o que é bom para nós e bom para os outros? É aí que a questão se complexifica - e é sobre essa complexidade, a partir de um ponto de vista sociológico, que vou trabalhar, e que nos leva à segunda característica da ética. A ética é racional.

A racionalidade da ética fica evidente quando fazemos uma escolha entre o que é bom e o que é mau para mim e para o outro. Isso é o comportamento ético. E essas escolhas, longe de serem aleatórias, são regidas pelos nossos valores. E quais valores regem nossas vidas? Pode ser a transcendência, a solidariedade, a confiança. E esses valores são muito variados e dependem muito da cultura. Ou seja, as nossas escolhas são baseadas nesses valores que são construídos socialmente e culturalmente nas diversas culturas existentes. E é aí que está o desafio: a ética se articula com o que é justo e não com o que é certo, com o que é bom para mim e para o outro, observando o princípio da justiça, com interferências dos valores sociais e da história de cada cultura.

Com relação aos valores, muito importante para entender a questão ética, alguns valores que posso dar como exemplo são a solidariedade, o respeito, a honestidade, a responsabilidade, a humildade, a tolerância, a gratidão, a coragem, a amizade, o amor, a esperança. São muitos. Mas o que os define como valores? O valor é um

princípio moral e ético que guia as nossas escolhas, que conduz a nossa vida, o nosso comportamento. Então a ética, nesse sentido, é um valor, é fazer essa escolha do que é bom para mim e do que é bom pro outro.

Tenho falado um pouco de Filosofia nos nossos encontros e algo que já trouxe para vocês de diversas formas ao longo desse período em que estamos juntos é a questão da sociedade da performance e da sociedade do bem-estar. Todos tem que estar sempre bem, estar sempre buscando bem-estar enquanto temos um certo desempenho. É como quando falei da vida virtual, onde representamos um papel. Dentro da sociedade da performance, onde temos que representar esse papel de estar sempre bem, como vamos ser éticos nas relações? Como vamos poder escolher o que genuinamente é bom para mim e para o outro quando nem sempre esse bem-estar se equipara a algo bom? Há vários equívocos e confusões entre o que é bom e o que é mau que passam, por exemplo, pela equiparação do que é normal ao que é bom. Se todo mundo tiver cárie dentária isso significa que ter cárie é sinal de saúde? Pode até ser normal, mas não é saudável.

Como eu já falei da sociedade da performance, onde você tem as redes sociais, a vida virtual, que você tem que se apresentar sempre como estando bem, feliz, alegre, próspero, nada de tristeza, nada de depressão, nada de doença, você tem que estar sempre muito sorrindo, né? “Sorria, você está sendo filmado”. Isso diz muito dessa sociedade da performance. Por que nós vamos sorrir? Porque estamos sendo filmados? Não sei se vocês conseguem entender as contradições do próprio discurso. Como saber o que é bom ou mau para mim e para o outro nessa sociedade da performance onde a indiferença, a injustiça e a banalização do absurdo são comuns? Quando há uma ideia de que todos devem fazer a mesma coisa e que o melhor é o que todo mundo faz, como fazer escolhas éticas?

É muito complexo, realmente desafiante a gente manter o nosso comportamento ético nessa sociedade da performance nesse modelo

produtivista capitalista, nessa sociedade onde a patologia da indiferença, a normopatia, a perversão existem, onde as pessoas tem muito mais indiferença do que, por exemplo, respeito, solidariedade, fraternidade. Hoje os valores que são estimulados são os valores do individualismo e, quando o mal predomina como conduta, se torna ainda mais desafiante julgarmos o que é bom e agir de maneira ética.

Nesse sentido, eu gostaria de destacar três valores: a honestidade, o respeito e a humildade. São três valores dos quais estamos muito carentes hoje. A honestidade no sentido de ser verdadeiro, autêntico com aquilo que você acredita, com aquilo que você é, coerente com o que você diz, coerente com o que você acredita. Agir com integridade no sentido de cumprir com seus compromissos. Mas se você está em um ambiente onde não prevalece a honestidade, como ser ético nesse ambiente? E é aí que começam os dilemas éticos - e alguns entram em sofrimento ético em função da falta de compatibilidade entre os próprios valores e os valores praticados naquele ambiente. Muitas vezes são essas as pessoas que adoecem, que são vítimas de assédio moral.

O sofrimento ético emerge quando há uma incompatibilidade entre os valores que alguém tem e aqueles valores que são praticados em um ambiente e, diante dessa situação, esse alguém tenta manter a sua ética, ou seja, primar pelo bom para ele e para os outros. Muitas vezes esse alguém se torna um sujeito excluído, ele é massacrado porque ele não está em conformidade com as condutas que estão sendo praticadas naquele ambiente.

O respeito enquanto valor é ter consideração pelo sentimento dos outros. Mas como que, em uma sociedade onde tem a patologia da indiferença, conseguimos ter respeito pelo sentimento do outro? O respeito se manifesta quando respeitamos o outro, suas decisões, seu modo de viver, seus sentimentos. Muitas vezes esse valor de base está ausente nos ambientes sociais e passa-se por cima dos sentimentos dos

outros se eles não têm um modo de vida parecido - a mesma religião, a mesma orientação sexual, as mesmas preferências. É aí que começa o desrespeito, as piadinhas, as desqualificações. Então quando nós aqui praticamos esses valores, honestidade e respeito, isso já nos ajuda a ter uma conduta ética.

Se formos pensar sobre o respeito no trabalho, podemos pegar o exemplo dos gestores que desrespeitam seus funcionários mandando mensagens via WhatsApp de madrugada e querendo que a pessoa seja super rápida ou super ágil quando, na verdade, ela não é obrigada a ter esse ritmo nem essa conduta de acessar esse aplicativo para assuntos de trabalho fora do horário de expediente. Aqui temos um exemplo de uma conduta que não é ética. Assim como podemos pensar em outros exemplos, onde se exige que os funcionários façam exercícios, plantem árvores, façam atividades sociais de trabalho no sábado. Isso é uma falta de respeito.

Não podemos achar que todos somos iguais e nem que devemos ser todos iguais, muito menos exigir que os outros sejam iguais no sentido de fazerem tudo exatamente como todo mundo, do mesmo jeito, no mesmo ritmo, no mesmo padrão. Então de forma geral, a partir desse valor, do respeito, os modelos de gestão não estão sendo éticos pois não levam em consideração o respeito à dignidade. Do ponto de vista da honestidade, também há muitos problemas, basta observar as falsas promessas feitas dentro das empresas: “se você fizer isso ou aquilo vai ser promovido, vai ganhar isso”. Isso não é ético pois isso vai causar conflitos e dilemas. Inclusive, sob a ótica da Psicanálise, as falsas promessas neurotizam pois geram ambivalências e dúvidas a respeito da verdade: “por que disseram isso e não recebi? Será que fiz algo errado? Será que é porque sou mau? Será que é porque eu não mereço?”. Cria uma série de fantasias.

A coerência, nesse cenário, é fundamental. Coerência entre o que se diz e o que se faz é importante para a saúde mental dos trabalhadores. Digo até mesmo que é uma recomendação que eu faço pois tendemos a fazer falsas promessas. E nas empresas então... Quando se diz que se você for muito bom, trabalhar muito, se sua avaliação de desempenho for sempre nota 10 você chegará ao topo, ao cargo de presidência ou algo do tipo, quando se diz que “aquí somos uma família”, ou quando se afirma “o sucesso dessa empresa é o seu sucesso”, tudo isso são falsas promessas. A partir desses exemplos do trabalho podemos perceber como essas falsas promessas podem distorcer nossa auto-imagem, nossa autoestima e, conseqüentemente, prejudicar nossa saúde mental.

O comportamento ético é uma conduta que deve absolutamente passar pelo respeito e pela honestidade. E também, como mencionei no princípio, é preciso humildade. Humildade não é subserviência e nem obediência. Não se trata de servidão. A humildade enquanto valor se refere à disposição do sujeito a reconhecer suas falhas, a reconhecer que ele não sabe de tudo, que ele tem algo a aprender com o outro. Quando entendemos a humildade assim, fica fácil entender que não é possível ter uma convivência ética sem humildade. Se eu acho que sei de tudo, se não preciso do outro pra nada, o que vai acontecer? Vai haver discriminação, preconceito, desrespeito. Essa pessoa não está tendo uma conduta ética pois não está aberta para reconhecer possíveis erros, a necessidade de ajuda e o potencial do outro para contribuir. Então junto ao respeito e à honestidade, a humildade compõem uma tríade de valores fundamentais para termos uma convivência ética seja na família, no trabalho, na escola, no sindicato.

Quando esses valores estão ausentes a nossa conduta ética fica um pouco prejudicada, comprometida. Quando estamos em um ambiente onde esses três valores não estão sendo praticados, nós

entramos em sofrimento ético porque os valores que nós temos não são os mesmos valores que aquelas pessoas têm. Como, por exemplo, no trabalho em que um gestor agressivo é visto como um bom gestor. Aquele que já chega com o chicote na mão porque acha que se não for assim as pessoas não obedecem. Esse é um bom exemplo também para entendermos que nem todos os valores são essencialmente bons. Se todas as pessoas são obrigadas a serem agressivas, a serem autocráticas naquela situação e você não compartilha desses valores você começa a padecer de sofrimento ético.

E como a ética não se fecha em si mesmo, existe uma parte política que precisamos endereçar pois a ética não está desvinculada da nossa existência política. Política no sentido da organização da pólis, não de política partidária, de politicagem ou de condutas politiquieras. Aqui estou me referindo à política como descrita pelos gregos: política como ação, no sentido de emancipação, da democracia, da liberdade. Como a ética trata daquilo que é bom para mim e para o outro, a ética tem uma dimensão política no sentido de que se ocupa e se preocupa com o bem comum.

Três elementos, do ponto de vista político, se articulam com a questão da ética: a emancipação, a liberdade e a solidariedade. São valores mais políticos, sociais, mas também guiam a nossa conduta ética. Então além dos valores humanos que já mencionei - honestidade, respeito, humildade - os valores sociais da solidariedade, da liberdade e da emancipação são fundamentais para nossa conduta ética. Esses valores só teriam alguma possibilidade de serem praticados em um espaço democrático, um espaço onde eu possa dizer o que eu penso, o que eu sinto, o que eu desejo, o que eu quero, onde eu vou ser respeitado, onde eu vou ser escutado e, a partir disso, pode haver uma discussão e um jogo dos diferentes interesses políticos a fim de se chegar em uma decisão. Com isso, retorno para a segunda

característica da ética, a racionalidade, pois a ética não é algo impulsivo.

A ética requer uma estratégia, requer uma fundamentação, requer uma discussão para que a tomada de decisão do que é bom para mim, do que é bom para o outro, seja fruto dessa discussão democrática, política, onde exista a solidariedade e a liberdade de expressão. Em qualquer ambiente onde não exista liberdade, a conduta ética está comprometida. Dessa forma, a liberdade é condição importante, assim como o engajamento no sentido de solidariedade. Além disso, ainda tem a dimensão do desejo. Do desejo no sentido psicanalítico, o desejo que não se iguala à vontade e à querer. Então no sentido que estou trazendo a ética, conhecer qual é nosso desejo, qual é o desejo do outro, o que é bom para você, o que é bom para o outro. Isso é diferente do querer, do “eu quero, estou com vontade”, isso é muito egocêntrico e temos de ter cuidado com isso pois é, em alguma medida, autoritário.

Quando falamos de desejo temos de ter noção de que o desejo pode ser realizado ou não, mas ele não deixa de ser desejo. E isso vale para os dois lados. O outro também tem desejo. E é aí que entra, a partir da noção de que há um outro, a possibilidade de uma discussão democrática. Então ser ético é muito trabalhoso, não só desafiante. Ser ético dá um trabalho danado porque se eu vou dizer qual é o meu desejo e vou escutar e respeitar o desejo do outro eu não posso e não sair por aí impondo as minhas vontades e os meus querereres. É preciso identificar qual é o meu desejo para saber qual é o desejo do outro e entrar em um acordo, porque a negociação de desejo sempre vai implicar perdas e ganhos, assim como a democracia.

Então é muito trabalhoso porque requer fundamentalmente, sobretudo, pensar. Quando digo que a ética envolve uma racionalidade significa que a gente tem que pensar antes de fazer, pensar bem. Quando vamos no automático, fazendo porque os outros estão dizendo

para eu fazer, porque escuto as vozes tirânicas, as condutas éticas se tornam menos prováveis. Não só porque não pensamos quando estamos no automático, mas porque a ética também está ligada ao desejo de viver e à potência para pensar e agir. Potência aqui no sentido de possibilidade. É diferente do poder. Potência se refere àquilo que tem uma grande possibilidade de ser bom, é isso. Então refletir e pensar sobre qual é a potência de uma decisão que tomamos é o que estou denominando aqui como racionalidade.

E nessa sociedade de capitalismo digital, de aceleração, de vida intensiva, como vamos ser éticos se não temos tempo para pensar? Como ter tempo interno, subjetivo, para a racionalidade, para refletir e pensar se uma conduta será boa para mim e para os outros? Não tem como. Muitos comportamentos dentro de empresas ou dentro de situações onde existe muita automação, muita aceleração, muita intensidade, muita repetitividade, comprometem a ética da convivência humana. Por que? Porque para ser ético precisamos pensar sobre a coerência entre os valores que nós temos, como nós estamos agindo e o que está guiando as nossas decisões. Precisamos da racionalidade.

Na filosofia, com Spinoza, a ética também está associada às paixões. As paixões tristes e as paixões alegres. E quando ele fala de paixão alegre não podemos nos equivocar e pensar na felicidade pausterizada da vida virtual, das redes sociais. Não se trata do bem-estar performático, não é a alegria artificial de uma pílula ou de uma bebida. É a alegria no sentido da vitalidade, se sentir vivo. Para se sentir vivo, é preciso viver a experiência. Não é só saber da experiência, não é só postar sobre a experiência, mas é viver ela. Existem emoções, sentimentos, pensamentos que você só tem vivendo a experiência.

E porque estou retomando a questão das experiências? Porque para ter uma conduta ética e exercer ética nas relações humanas nós precisamos de alguma forma experimentar a vida, e a vida tem a ver com essa vitalidade da qual eu falei. É isso que o Spinoza chamava de

paixão alegre. A paixão alegre traz potência e a possibilidade de fazer você viver experiências, ou seja, tem a ver com a potência para ser, para existir, para experienciar, para criar, para produzir e para fazer escolhas do que é bom para você e do que é bom para o outro. É a alegria de viver que nos engaja em uma conduta ética, e é dessa alegria que nós precisamos para viver bem.

Agora quando Spinoza fala da paixão triste, ele quer dizer da servidão voluntária. É quando insistimos na repetição, quando vivemos uma vida performática. Para Spinoza, a paixão triste se liga à obediência ao opressor, ao tirânico, ser subserviente. Ou seja, a paixão triste, ao contrário da alegre, tira a nossa vitalidade, o nosso desejo de viver. Ela compromete nossa potência. E como haver ética na servidão, onde não há liberdade? Não tem como. Se você faz algo só para agradar o outro, ou porque o outro diz que é melhor, não podemos dizer que você está escolhendo o que é bom para você e para o outro. E aí está a paixão triste, onde aceitamos que o outro nos oprima e às vezes até sentindo certo prazer, um tanto masoquista, nessa opressão. Muitas vezes, o que acontece é que pessoas que seguem essas paixões tristes terminam adoecendo e precisam buscar um atendimento clínico, procurar se conhecer mais, procurar identificar porque estão em servidão voluntária.

Para resumir, podemos dizer que a paixão triste se liga à impotência, ao sentimento de não estar dando conta, de não conseguir, de não ser capaz. A paixão alegre se liga à potência, ao “eu posso, eu vou tentar, eu vou arriscar”, está ligada ao desejo e a ação de confrontar em busca da emancipação, da liberdade, da democracia. É ela que possibilita as condutas éticas da relação humana junto aos valores do respeito, da humildade e da honestidade. E é isso que eu tinha para compartilhar hoje com vocês.

A POTÊNCIA DA ESCUTA CLÍNICA DO TRABALHO

Hoje, na nossa última conferência, falarei da Clínica do Trabalho, um projeto meu na UnB e em outros sindicatos, para retomar algumas questões que comentei aqui nas conferências do SINDSPREV, especialmente em relação ao trabalho de luto. Essa é nossa última conferência, mas o fim sempre é o começo de alguma coisa. É sobre isso que eu gostaria de conversar sobre vocês: o trabalho do luto na clínica do trabalho. Sempre que perdemos um lugar, um espaço, expectativas - ilusões, apesar da dor, algo aparece nesse lugar de alguma forma. Se abre espaço para novos ciclos e para novas possibilidades de vida porque é assim o ciclo da vida: nasce, desenvolve, cresce, morre, se renova de alguma forma nesses ciclos. E hoje vou falar desse projeto muito antigo, a Clínica do Trabalho, o qual já faço há pelo menos 25 anos e que hoje ocorre em dois locais: a Universidade de Brasília e o Sindicato dos Bancários de Brasília.

Falarei sobre quais os objetivos da Clínica do Trabalho, a quem se destina e como ela pode ajudar os trabalhadores, até aqueles fora de vínculos empregatícios formais como os desempregados, aposentados, em trabalho doméstico, em trabalho voluntário - modalidades de trabalho também extremamente importantes e às quais algumas vezes não valorizamos pois são trabalhos "invisíveis". É importante entendermos que são várias as possibilidades que temos de trabalhar fora do trabalho assalariado, capitalista, em forma de emprego. Esses trabalhadores também precisam ser escutados se eles também experimentarem algum tipo de sofrimento. Nesse sentido, antes de tudo, a Clínica do Trabalho é destinada àqueles que trabalham em contexto formal e assalariado ou não, pois o trabalho não-assalariado também pode gerar dilemas e sofrimento.

Alguns exemplos de dilema são o da aposentadoria, mudanças de função, de cargo, de não querer mais um cargo, de ser transferido. Estou nomeando dilemas porque na nossa vida temos dilemas, conflitos, sofrimentos e, às vezes, adoecimentos. Então temos que ter cuidado para que um dilema não se transforme em sofrimento e que o sofrimento não se transforme em adoecimento. Assim, a Clínica do Trabalho pode ter uma função preventiva. Hoje alguém comentou aqui sobre vários dilemas que está vivendo no trabalho, comentaram que vários colegas estão sentindo medo, estão inseguros, outros estão em negação da realidade. Esses elementos, se não tratados logo, podem se transformar em sofrimento e adoecimento futuramente. Adoecimento que pode chegar a ser grave, como uma depressão, por exemplo.

A Clínica do Trabalho, assim, não é só um espaço para pessoas que já estão adoecidas, mas também de pessoas que têm conflitos, dilemas, que querem ser escutadas por um profissional para tentar encontrar saídas mais éticas, mais políticas, mais saudáveis para seus dilemas e conflitos. Com essa função preventiva, a Clínica do Trabalho pode inclusive ser feita dentro das empresas - não é o caso do INSS, mas enfim. De qualquer forma, a Clínica do Trabalho pressupõe um espaço de escuta, um espaço onde a pessoa pode falar sobre esses dilemas, esses conflitos, esse sofrimento, e encontrar saídas éticas no sentido que trouxe aqui em conferências anteriores - visando o que é bom para si e para o outro.

Mas o que caracteriza esse sofrimento do qual estou falando e que pode levar alguém a procurar a Clínica do Trabalho? Nomeio aqui três elementos: o medo, a insegurança e a ansiedade. A existência do medo de forma quase paralisante, quase fóbica, quase em pânico. O medo que não permite que o sujeito se mova, aja, tome decisões. O sujeito fica paralisado. A insegurança marcada por muitas dúvidas e pela falta de confiança requerida para tomar alguma decisão. A ansiedade em que o sujeito tudo quer controlar, tudo ele quer saber,

tudo ele quer resolver, tudo ele quer dar conta - e isso pode se transformar em um modo de manipulação, em um modo autoritário de se relacionar com o outro porque a ansiedade é tão grande que o outro fica sufocado, que não há espaço para esse outro sobreviver.

Ainda com relação à ansiedade, ela se relaciona à espera. Às vezes esperar é muito doloroso porque quando a gente está esperando a gente não sabe o que vai acontecer. Isso nos deixa muito angustiados. Então muitas vezes é importante a gente se antecipar ao que nós estamos esperando e já tomar uma decisão, isso vai nos dar uma certa tranquilidade... mas não dá nenhuma garantia de que aquela forma ou aquela decisão que nós tomamos será a melhor para resolver aquele problema. Então, muitas vezes nós temos dificuldades de esperar que as situações e as pessoas se organizem, se acomodem naquela situação, e aí a gente começa a se antecipar, a gente começa a ter uma necessidade desmedida de controle. Esse sofrimento caracterizado por essas vivências - medo, insegurança, ansiedade - pode ser a razão pela qual qualquer trabalhador pode buscar a clínica do trabalho pois, nessas situações, realmente a pessoa precisa de uma escuta, precisa participar dessa Clínica do Trabalho.

Ainda sobre o sofrimento: ele pode ser de três tipos. Existe o sofrimento ético, que é o sofrimento que nos faz ter um agir político. O sofrimento criativo é aquele que nos move e nos motiva a buscar outras formas de viver. O sofrimento patogênico é aquele que não é bom, é aquele que nos paralisa, é aquele sofrimento do medo, da ansiedade e da insegurança que nos paralisam fazendo com que gastemos toda a nossa energia na tentativa de se livrar dessas três vivências.

Então a Clínica do Trabalho é um espaço de escuta para esse sofrimento. E quem escuta? Essa clínica pode ser feita também por profissionais não psicólogos, como assistente social, por exemplo, desde que haja a preparação para tal por meio de estudos teóricos e práticas supervisionadas. E também de análise pessoal. E quais são os objetivos

dessa escuta do trabalho, dessa clínica do trabalho? Antes de responder a essa pergunta, quero dizer que escutar é muito difícil, é uma das tarefas mais difíceis para nós seres humanos porque a escuta sempre envolve um risco, nunca saberemos o que vamos escutar do outro. Então, muitas vezes as pessoas preferem nem abrir esse espaço de escuta porque o que o outro vai dizer pode nos confrontar com o fato de que nós podemos não saber o que vamos fazer com o que o outro nos disse.

A escuta é sempre arriscada porque o outro pode nos dizer algo que nós não esperávamos e que pode nos surpreender de tal forma que a gente fique boquiaberto, que a gente não tenha o que dizer, que a gente não tenha resposta ou que a gente fique chocado. O trabalho da escuta na clínica do trabalho, que é trabalho e que envolve um profissional que vai fazer essa escuta, necessita de um profissional treinado para saber como receber esses conteúdos, essas demandas. Ele é preparado para isso. Quando não somos profissionais de escuta, digamos assim, nós não estamos preparados para enfrentar os riscos que tem toda escuta. E mesmo aqueles que são treinados às vezes se surpreendem. É por isso que nas empresas não existe muito trabalho de escuta, porque o trabalho de escuta requer tempo - cronológico inclusive: é preciso sentar e escutar o que o outro tem a dizer e saber o que eu vou fazer com aquilo que eu escutei.

Isso nos leva a outra questão: a diferença entre falar-escutar e dizer-ouvir. O dizer, diferente do falar, é da boca para fora, é um blá-blá-blá, é um discurso. Assim como ouvir pode ser algo que entre por um ouvido e sai pelo outro. Quantas pessoas já olharam para vocês e quando perguntam “está tudo bem?” esperam realmente uma resposta genuína onde você possa até mesmo dizer que “não está tudo bem”? Ou seja, nós não temos preparo, de uma forma geral, para escutar o outro porque isso é muito trabalhoso, é um trabalho enorme, então muitas

vezes somente ouvimos, entra por um ouvido e sai pelo outro. E quando dizemos, muitas vezes dizemos da boca para fora, porque falar significa falar do que se sente, falar do que vivencia, falar dos afetos, das emoções, não é algo simplesmente cognitivo, não é assim só um discurso.

Falar dá muito trabalho porque para falarmos de nós mesmos nós temos que nos conhecer, nós temos que admitir e assumir as nossas falhas, os nossos defeitos, as nossas incompetências, os nossos vazios, os nossos não saberes e é muito bom não saber, é muito bom tudo não ter sentido porque isso é que permite a construção de um novo laço. Então falar é extremamente trabalhoso e o que a gente vê muito por aí é um blá-blá-blá sem fim, um discurso sem fim, ou seja, é um dizer por dizer, sem nenhum efeito no sentido de que não tem afeto. Falar é trabalhoso porque requer um trabalho de reflexão, requer um trabalho de se conhecer e requer um trabalho de ter este conhecimento. Muitas vezes requer até mesmo um trabalho clínico, porque não é fácil nos conhecermos, não é fácil falar de nós mesmos. Então às vezes escolhemos o blá-blá-blá ou então calar.

E escutar também é trabalhoso pois escutar envolve um desejo genuíno pelo que o outro diz, pelo que o outro sente e exige de nós aceitar que nós não temos a solução para o problema falado que acabamos de escutar. Quando escutamos, temos uma forte tendência a trazer uma solução para aquilo que a pessoa fala ainda que não tenhamos o poder de resolução. Então às vezes escutar é sofrido porque nós achamos que nós devemos ajudar e resolver o que está sendo dito pelo outro. No entanto, às vezes o outro quer apenas se expressar, quer apenas falar, quer apenas ter alguém que o escute para não ficar no vácuo. O outro procura alguém que escute mas que não necessariamente vai dizer o que fazer ou vai trazer uma solução. E é aí que é muito angustiante: escutar de uma forma castrada, ou seja, com limite, limite de que escutei, mas eu não tenho como ajudar, eu não

tenho como fazer. Aceitar os limites, a castração, o que é possível de fazer, pode nos ajudar a fazer o trabalho de escuta do outro e o trabalho de falar de si melhor.

É por isso que a Clínica do Trabalho necessita de um profissional de escuta, um profissional preparado tanto para escutar quanto para falar daquilo que ele traduz a partir do sofrimento que escutou do outro. Esse profissional é importante para ajudar qualquer um de nós em sofrimento no trabalho pois vai nos ajudar a lidar melhor com nossos sofrimentos sem culpa, sem vergonha, sem constrangimento. Há, de fato, situações na vida que são sofridas mesmo, mas não se pode ficar paralisado diante desse sofrimento, do medo, da insegurança e da ansiedade. Esse profissional pode nos ajudar a não entrarmos nessa paralisação. É esse um dos objetivos do trabalho da Clínica do Trabalho realizada na UnB e também realizada pelo GEPSAT em diversos sindicatos, que já atendeu vários trabalhadores.

A Clínica do Trabalho pode nos ajudar em três dimensões importantes. Primeiro, ajudando a se desembaraçar do supereu. Como já falei anteriormente sobre o supereu, trata-se daquela voz tirânica que nos diz o que temos de fazer, porque temos de fazer e que nos faz, de alguma forma, perder o protagonismo da nossa própria vida. Nesse sentido, a Clínica do Trabalho nos ajuda a colocar uma cera no ouvido para que não sejamos encantados pelo canto da sereia. Às vezes não conseguimos colocar a cera no ouvido sozinhos porque as vozes são muito intensas - a voz do trabalho, a voz da mídia, a voz da família. Vozes que não se vinculam aos nossos desejos e sim às demandas do Grande Outro, às exigências. Bem diferente do desejo, que se articula à ética e à coragem da qual já falei anteriormente.

A segunda possibilidade que essa clínica nos dá é exatamente fazer o trabalho de luto, de superação daquilo que já não é mais, daquilo que se perdeu. O trabalho de luto é ver que aquilo que foi perdido pode assumir uma outra característica, uma outra essência,

uma outra roupagem. A Clínica do Trabalho pode nos ajudar a entender o trabalho do luto como um trabalho de reciclagem do lixo. Quando reciclamos materiais que são recicláveis, como o papel, por exemplo, aquele material não deixou de ser o que é mas assume um outro lugar. Quando não conseguimos fazer o trabalho do luto sozinhos, a clínica pode nos ajudar. Nos ajuda a não ficar na melancolia, em uma ansiedade neurótica de tentar resgatar o papel que não existe mais, que não tem mais uso ou função.

Então esse trabalho de luto, que aqui associei ao trabalho de reciclagem, é um trabalho que precisamos fazer com tudo: relações, papéis sociais, funções no trabalho, objetos, pessoas, lugares. O luto de situações é fundamental para podermos construir novas possibilidades de vida e existências, a possibilidade de novos laços. Do contrário, ficaremos em um processo de ruminação infrutífero. Ou seja, a Clínica do Trabalho pode ajudar aquele trabalhador que quer se aposentar, mudar de cargo, aquele que adoeceu no trabalho ou que está vivendo dilemas e conflitos relacionados ao trabalho. Então esse é um segundo benefício do trabalho clínico.

A terceira possibilidade da clínica é o trabalho de transformação. Esse é um trabalho muito difícil pois resistimos muito ao que é novo, às mudanças, à transformação do que é antigo. Então o trabalho clínico pode nos ajudar no trabalho de transformação, seja ela uma mudança de cargo, de emprego, de aposentadoria. Pois ainda que muitas dessas transformações sejam boas para nós, tendemos a resistir. Resistimos pois nós somos muito apegados à repetição e, ao mesmo tempo, somos seduzidos pelas vozes que já mencionei aqui. Diante dessas mudanças que nos requerem transformação de comportamentos, condutas e pensamentos ficamos resistentes e queremos insistir no que já existe. E é nessa resistência que a clínica pode ajudar.

Resumindo, essas são as três dimensões nas quais a Clínica do Trabalho pode nos ajudar: no desembaraço do supereu, no trabalho de

luto e no trabalho de transformação - esse último é o que conhecemos na Psicanálise por trabalho de elaboração e perlaboração. Muitas vezes resistimos a esse trabalho ainda que já saibamos qual é o caminho da mudança. Conhecemos o caminho mas não conseguimos entrar nele para que a mudança aconteça. Esse lugar da recusa, da resistência, é o lugar que muitas vezes é mais confortável - uma verdadeira zona de conforto, mas é o lugar dos sintomas, da repetição, do gozo. É o lugar onde achamos que somos o Sol e que a Terra gira ao nosso redor quando, na verdade, somos apenas uma poeira no Universo. E uma poeira que não é nem única... Esse é um lugar confortável, mas quando nos tornamos adultos precisamos sair desse lugar, desapegar dele e aceitar que a vida tem limites, que existem outras pessoas e que nós não somos os donos nem da razão nem do mundo e nem do outro.

Temos de estar abertos para compreender que somos pessoas que estão aí para tentar transformar e superar - elaborar e perlaborar - para continuar vivendo como é possível. E a Clínica do Trabalho nos abre essa possibilidade!

